

Ildo Perondi

Organizador

Família Perondi

25 anos de uma caminhada



Família Perondi
25 anos de uma caminhada

Ildo Perondi
(Organizador)

Família Perondi

25 anos de uma caminhada

2ª edição
(E-book)



2016

© Ildo Perondi – 2015
Rua Orlando Maimone, 85
86046-530 Londrina/PR
Tel.: (43) 9944.8328 / 3342.2695
ildo.perondi@pucpr.br

Editoração: Oikos Editora
Revisão: Carlos Dreher
Capa: Juliana Nascimento
Arte-final: Jair de Oliveira Carlos
Impressão: Rotermund S. A.

Editora Oikos Ltda.
Rua Paraná, 240 – B. Scharlau
Caixa Postal 1081
93121-970 – São Leopoldo/RS
Tel.: (51) 3568.2848 / 3568.7965
www.oikoseditora.com.br
contato@oikoseditora.com.br

F198	Família Perondi: 25 anos de uma caminhada. / Organizador Ildo Perondi. – São Leopoldo: Oikos, 2015. 126 p.; 14 x 21 cm. E-book ISBN 978-85-7843-579-0 1. Biografia – Família – Perondi. 2. Família – História. I. Perondi, Ildo. CDU 929 PERONDI
------	--

Catálogo na Publicação:
Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184

Sumário

Apresentação	7
1 História da caminhada	11
2 A Gruta Nossa Senhora de Lourdes	21
3 Fatos pitorescos das caminhadas	27
3.1 O que foi sem ter ido...	27
3.2 Tem gente aí...	28
3.3 Esperando no cemitério	28
3.4 Uma boiada que deu medo	29
3.5 O dia em que a caminhada não terminou	29
3.6 O caso do vagalume	32
3.7 Pequena tradição, grande competição	33
3.8 Pregando uma peça	34
3.9 Cachorros	35
4 Alguns depoimentos de quem caminhou	37
4.1 Uma aventura de fé	37
4.2 Uma caminhada que é fonte de inspiração	38
4.3 Um olhar ecológico na caminhada	39
4.4 Recordações	41
5 O sentido bíblico e religioso de caminhar	44
5.1 Deus caminha com seu povo, e o povo caminha com seu Deus	44
5.2 Jesus Cristo: caminho e caminhante	49
5.3 Caminhamos na estrada de Jesus!	52
5.4 Mensagem	53

6 Saudades de Seu Caetano	57
6.1 Legado: obstinação e persistência	57
6.2 Memórias e Ensinamentos – <i>Ágis Codágis</i>	61
6.3 Os animais	63
6.4 Reza do Terço	66
6.5 Retrato da família – “Olha o Passarinho...”	69
6.6 Caramelos	72
6.7 Jogo do quatrilha – <i>Fogo al botchin...</i>	73
6.8 Surpresa de aniversário	75
6.9 Emoções marcantes	77
6.10 Personalidades/Figuras/Pessoas	80
6.11 Expressões	88
6.12 O simbolismo do dia 19	92
Dona Gema	94
Despedida	100
Considerações	104
7 Genealogia da Família Caetano e Gema Perondi ...	106
Nossos nomes e seus significados	106
7.1 Genitores	108
7.2 Filhos e Filhas	108
7.3 Netos e Netas	113
7.4 Bisnetos e Bisnetas	118
Vocabulário Romelandês	120
Amigos – <i>Vinicius de Moraes</i>	122
Uma palavra final	125

Apresentação

Por que alguém sairia do seu gostoso sono, às 3 horas da madrugada, para ir em caminhada na noite escura? E por que sairia se soubesse que esta caminhada seria de 13 quilômetros de distância e outro tanto para voltar? E por que alguém iria novamente, um ano depois, numa caminhada destas se soubesse que depois da caminhada vem o cansaço, as dores nas pernas?

Caminhar tem um sentido único. Caminhar faz bem. Quem caminha com os pés também caminha com a mente, com o pensamento, com seus sonhos e esperanças. Quem caminha não vê só a estrada por onde vão pisar os seus pés, vê o horizonte distante. Quem caminha contempla o cenário, a paisagem, a vida que se movimenta ao seu redor. Quem caminha respira o perfume da natureza, ouve os sons, escuta o borbulhar da vida que palpita no vento que sopra, na folha que cai, no pássaro que canta, no cão que ladra – faceiro ou traiçoeiro.

Caminhar é enfrentar desafios, é superar distâncias, é subir e descer montanhas, é atravessar planícies, é determinar o ritmo dependendo das curvas ou das retas do caminho. A cada passo a distância se encurta, o objetivo se alcança. Passo a passo, pouco a pouco e o caminho se faz. Quem se propõe caminhar sai da rotina e do imobilismo, movimenta-se e busca novas possibilidades. Caminhar é tam-

bém aventurar-se, desafiar-se. Quem caminha sai da zona de conforto e se abre para novas possibilidades. Quem caminha busca, se coloca como sujeito e não espera que as coisas aconteçam por mero capricho do acaso.

Há 25 anos, uma pessoa começou a fazer uma caminhada que se tornou histórica. Vanir Perondi, no último dia do ano de 1991, partiu na madrugada e foi sozinho a pé até a Gruta Nossa Senhora de Lourdes, distante 13 quilômetros da cidade de Romelândia. Daquele ano em diante, a caminhada se repetiu ano a ano, sem interrupções. Mas então não foi só o Vanir, outros foram se juntando e formando um grupo de caminhantes.

Agora estamos celebrando esta marca histórica de 25 anos de caminhada. E este livro é um resgate histórico de como tudo começou, o que aconteceu, detalhes do que são estes passos na noite escura. Ao mesmo tempo, deve-se fazer uma reflexão bíblica e teológica do significado religioso que há por trás de uma caminhada e de todas as caminhadas da Bíblia e na vida das pessoas.

O livro traz ainda uma memória histórica do Caetano e da Gema Carbonera Perondi, nossos pais. Foram eles que nos deram a vida, e também nos transmitiram valores, projetos, esperanças e sonhos. Recuperamos, assim, sua memória e, ao mesmo tempo, um histórico da família a que eles deram origem, hoje marcada por filhos e filhas, genros, noras, netos e netas e bisnetos e bisnetas.

No livro, os leitores encontrarão um pouco de história, experiências de vida, reflexões bíblicas e orações do cotidiano, testemunhos e resgate de valores, fatos pitores-

cos e engraçados para se divertir... Enfim, a caminhada é sempre um conjunto de fatores que se complementam e que dão um brilho novo à nossa vida. Portanto, o livro é fruto do trabalho de muitas mãos, assim como a caminhada é fruto dos passos de muitos pés.

Que esta experiência possa influenciar outras caminhadas, outros projetos, outros caminhantes, outras experiências inéditas. Não há nada de novo quando se faz aquilo que todos fazem. A graça está em fazer algo novo, diferente. Sonhar o que ninguém sonhou, trilhar por caminhos novos ou por veredas que ainda devem ser abertas.

Com fé e coragem é possível caminhar, dar passos, seguir em frente. E, nas nossas caminhadas, temos a certeza de que o Senhor caminha conosco e nos dá o sustento necessário. Somente quem põe o pé na estrada faz caminho, constrói o seu próprio caminho. Assim, quem caminha é semelhante a quem semeia. Sabe que a partida é difícil e que há obstáculos no caminho, porém há a alegria da colheita, isto é, do retorno, da chegada quando se vê o resultado final. Foi desta forma que o Salmista viu também a caminhada do povo de Deus:

“Os que semeiam com lágrimas
ceifam em meio a canções.
Vão andando e chorando
ao levar a semente;
ao voltar, voltam cantando,
trazendo os seus feixes.”

(Salmo 126,5-6)

Aquele que marca a vereda
Às nuvens, aos ares e aos ventos,
Ele mesmo indicará caminhos
Pelos quais teus pés possam brilhar.

(Paul Gerhardt)

História da caminhada

Vanir Perondi

Tudo começou no ano de 1991. Naquela época, eu e minha família morávamos em Flor do Sertão, que ainda pertencia ao município de Maravilha (SC), e as perspectivas financeiras não eram tão boas, ou melhor: eram muito ruins. Também por conta, talvez, das dificuldades financeiras, eu sentia certo desconforto em minha saúde provocando gastrites frequentes. Mas como o espírito de luta não me deixava abalar, e eu sempre estava em busca de novas perspectivas e buscando soluções, foi que surgiu a ideia de fazer uma caminhada de Romelândia até a Gruta Nossa Senhora de Lourdes, local que eu anteriormente já havia visitado por ocasião das romarias promovidas pela Igreja Católica de Romelândia.

A ideia inicial não era de fazer isto todos os anos, mas, sim, a caminhada daquele ano (1991). Mas como a caminhada surtiu certo efeito e percebi que isso trouxe uma motivação para minha vida, resolvi repeti-la no ano seguinte. Daí em diante não parei mais. No início, acho que os três primeiros anos, eu fiz a caminhada sozinho, depois a Dora, minha esposa, me acompanhou por duas ou três vezes. Então nós começamos a comentar sobre essa cami-

nhada, e mais pessoas da família passaram a nos acompanhar.

A primeira caminhada, com certeza, foi mais uma aventura, pois era algo novo, e como saí de madrugada por volta das 3:00 horas, tive que encarar a escuridão da noite, tendo que enfrentar certos obstáculos, como por exemplo: cachorros bravos, medo de cobras, escuridão e a solidão. Sempre levava comigo uma faca que ganhei dos piás, presente de aniversários (uma faca do Rambo), que, por sinal, levei comigo em todas as caminhadas que fiz durante estes vinte e cinco anos. A disposição daquela época superava todas as dificuldades, pois sempre tive gosto por caminhadas, e isso fez com que a cada ano tivesse mais disposição.

Durante estes vinte e cinco anos, as caminhadas na maioria das vezes aconteceram de forma positiva, sem interrupção, sem incidentes graves. Só houve uma exceção: foi a vez em que o Erivelton dos Santos, cunhado do meu filho Paulo, que nos acompanhava naquele ano, nos assustou (veja o relato no item 3.5). Com certeza, foi o maior susto, pois o semblante dele não era muito bom e apresentava um quadro estranho que parecia que iria vir a óbito. Porém, fora deste acontecimento, nada de anormal aconteceu, a não ser o cansaço que fica depois do retorno, além de situações engraçadas que serão relatadas adiante.

A caminhada em si se tornou praticamente um compromisso anual, pois além do percurso, cada caminhante devia ter um motivo especial, alguma coisa a agradecer, um pedido a fazer e assim por diante. E, acima de tudo, a caminhada tinha o objetivo de unir o grupo em busca de

algo que nem se sabe bem o que é, mas que, dentro de cada um, devia existir uma vontade de participar e de caminhar.

Por que a madrugada? A caminhada sempre é iniciada na madrugada, por volta das 3:30 horas. O motivo da madrugada é por ser mais fresco, e, saindo nesse horário, a previsão do retorno é quando o sol ainda não está tão quente. Mas o motivo também não deixa de ser porque na madrugada a cabeça está vazia e o silêncio da noite é tão interessante que transmite uma paz incalculável. E há ainda a beleza de ver o dia amanhecer, o que também é muito prazeroso, principalmente quando se está no meio da natureza, só ouvindo o barulho da mata. A noite não tem tanto o barulho do dia, por isso pode-se apreciar melhor um vagalume, o cantar dum pássaro, o coaxar dos sapos e outros sons interessantes.

Na madrugada também não há ninguém na estrada, nem carros passando. No máximo se encontra um caminhão, daqueles que recolhem leite. As pessoas ainda estão dormindo. Só no retorno, depois que se chega na comunidade de Linha Esperança, é que se pode ver alguma pessoa acordada. Então isso traz uma sensação boa de silêncio e de paz para fazer a caminhada.

Na maioria das vezes, tivemos sorte de ter um tempo bom e a estrada seca. Mas mesmo as poucas vezes em que pegamos tempo chuvoso, não desistimos. Teve uma vez que foi com tempo feio mesmo, debaixo de chuva. Foi quando o Ildo foi a primeira vez e se perdeu (ver relato no item 3.1). Mas, mesmo com barro, chuva e escuridão, ninguém nunca pensou em trocar o horário.

O que se leva junto: A caminhada dura em torno de quatro a cinco horas. Isso quer dizer que ninguém consegue ir e voltar sem beber uma água e comer alguma coisa. Portanto, cada caminhante tem sua mochila nas costas, onde leva água potável e alguma coisa para comer: bolacha, bananas, outras frutas, etc. Mas nada demais, pois o peso nas costas atrapalha a caminhada e cansa mais. Uma lanterna sempre se leva junto, mas só para prevenção. A caminhada tem que ser no escuro. Dá uma sensação melhor de liberdade. É certo que, se for em um período de lua cheia, a escuridão é menor.

Calçados: Cada um tem sua preferência por calçados. Uns vão de tênis, outros de sapatilhas ou de sandálias, mas na volta alguns trocam o calçado original por havaianas. Isso quando o pé já está calejado e com bolhas.

Ritmo da caminhada: No início, quando eu fazia a caminhada sozinho, levava em torno de três horas no máximo, pois eu era muito bom para caminhar. Com o passar dos anos, o ritmo foi diminuindo por conta de alguns integrantes que são mais lentos, e a caminhada agora leva em torno de 4 a 5 horas, sabendo que o trajeto de ida e volta é de 26 km. Com certeza, a volta sempre é um pouco mais difícil em vista de que o cansaço já toma conta do grupo. Como o caminho do trajeto é muito sinuoso, oscilando entre algumas subidas acentuadas e outros trechos mais nivelados, o ritmo da caminhada varia de acordo com o traçado, diminuindo nas subidas e acelerando um pouco mais nos outros trechos.

O grupo não faz nenhuma disputa com relação ao ritmo, sendo que cada integrante se preocupa consigo mesmo, e assim que alguém fica para trás, sempre tem alguns que esperam até que os mais cansados alcancem os demais. O grupo sempre se dispersa em dois ou mais subgrupos que se dividem, e aí rola sempre uma conversa em forma de distração. Com certeza, a hora mais esperada é o momento da chegada na Gruta. Quando já se está lá na Gruta, isto significa praticamente que o objetivo foi alcançado, e, além disso, dali para frente o caminho começa a encurtar a cada passo dado.

Roteiro: A caminhada segue sempre o mesmo roteiro que é: saída da casa de Vanir e Laudir com os seguintes integrantes: Vanir, Dora, Marcos, Marcelos, Indi, Jéssica, Laudir e Ramon. Logo à frente, passam a integrar o grupo: Paulo e Anita, depois o Zilmar e, por fim, o Frei Ildo e alguém mais. Esse roteiro é o atual. No início era feito apenas por mim (Vanir), que morava na antiga casa que ficava na saída da cidade em direção a Linha Esperança. Depois, ainda morando na antiga casa, esperava aí por Laudir, Ramon, Paulo e Anita. Aí juntava o Zilmar e o Frei Ildo, que esperavam em Linha Esperança. Completado o grupo, não vão todos juntos, mas há uma pequena dispersão em blocos de três ou quatro pessoas que seguem conversando e caminhando.

Recordações: É certo que, no caminho, ao passar por certos locais, havia motivo de recordações, isto é, para os mais velhos. O trajeto de Romelândia até Linha Esperança era o percurso que fazíamos para ir à escola (ginásio,

era assim que se chamava na época). Depois de um dia de trabalho na roça, no final da tarde, íamos a pé até Rome-lândia. Eram uns cinco quilômetros para ir e outros tantos para voltar. Nos dias bons era uma festa. Mas havia o período de inverno, dias de chuva e barro, quando tínhamos que andar de pé no chão e levar o calçado na sacola, que só era colocado para entrar na sala de aula. Quantas noites chegamos em casa depois da meia-noite. O atraso era porque o Selmiro, o Pedro Paulo e outros ficavam jogando sinuca ou bolão. Era sempre assim. Prometiam que iam jogar só uma partida e nunca jogavam menos de dez.

Ao passar pela casa do Spagnol, na encruzilhada dos Belusso, se recorda um acidente com o fusca do pai e o carro do Tide Belusso. Foi uma pechada feia, e o pai chegou a se machucar. Passar pelo campo do Canarinho, na terra do falecido Nildo Ott, era recordar os jogos de futebol. O campo mudou várias vezes de lugar. Era o divertimento dos domingos à tarde. Jogávamos duas horas, sem cansar.

Nos últimos anos uma emoção forte era passar em frente ao Cemitério da Linha Esperança. A lembrança do Seu Caetano, enterrado aí, sempre é motivo de emoção e de saudades. Era também uma homenagem que fazíamos a ele. Além dele, tem muitas outras pessoas da comunidade descansando nesse lugar, pessoas que fizeram parte da nossa história. Por exemplo: o Seu Dorvalino Belusso, pai da Dora, Tio Bépi e a Tia Maria, Armida Belusso, mãe do Guinho, Nelvo Rachor e seus pais, os irmãos Heimburg, e tantas outras pessoas queridas.

As terras nem sempre tinham os mesmos donos. O pessoal vendia e ia embora. Vinha outra família e mudava

o local. Para uns, as várzeas (plainas) não serviam para plantar, e era local de fazer o potreiro para o gado. Vinha o novo dono, arrancava a grama e virava lavoura. O campo de futebol virava roça. Uma várzea famosa ficava na curva do Rio Primeira, do outro lado das terras do Tio Bépi, que pertenciam ao Honório Picinin. Lá foi feita uma raia de corrida de cavalos. Quando havia corridas de cavalos, toda a Linha Esperança se movimentava. Vinha gente de fora. Era o máximo. Tinha corridas com cavalos de raça e outras de matungos, que eram bem divertidas. Os rapazes aproveitavam para começar um namoro com as meninas. Às vezes aconteciam algumas brigas. Muitas delas eram planejadas há tempo. Bastava alguém inticar, chamar alguém de “tongo” ou “boca aberta”, e logo se atracavam nos socos.

Outra coisa, a lembrança gostosa era passar pela casa do Tio Bépi (falecido em 2010). O nome dele era José Perondi, mas todos o conheciam por Bépi. Ele era um tio muito querido, gostava de conversar conosco. Certa vez o Pai e o tio Bépi compraram uma terra em sociedade, então íamos juntos para a plantação e para a colheita. Quantas histórias ficaram para trás! Tínhamos um rancho lá em cima, era lugar do almoço, trazido de casa. A polenta era requentada. Depois era o momento de tirar uma soneca, e então: dá-lhe trabalho! Lembro uma vez que o Olavo e o Pedro Paulo voltavam com a carroça carregada de trigo em grãos, e veio um tempo feio de chuva. Passaram lá na residência do Alfredo Gubert, e, para escapar do temporal, o único jeito era colocar a carroça embaixo do porão da casa. Só que não cabia. O Pedro Paulo, com toda a delicadeza, que lhe é peculiar, serrou as tábuas e enfiou a

carroça embaixo do porão. Aquela marca das tábuas cortadas ficou até a demolição da casa muitos anos depois.

Quando se chegava lá na terra do João Bigode, o pai e o Bépi gritavam, não lembro mais o que, mas era algo como “canepla!”. Mas até hoje ninguém sabe o que isso queria dizer. Acho que era um segredo deles. Também gritavam “ruzza”, até hoje não sabemos o significado daquilo.

A chegada: Com certeza, a chegada à Gruta é o ponto alto da caminhada. Primeiro, porque significa a metade da caminhada; segundo, porque o objetivo da caminhada é a Gruta, onde se faz uma parada com orações, depois um lanche e um breve descanso. Chega-se quando ainda é escuro, mas já surgem os primeiros sinais do amanhecer. Na chegada à Gruta, todos dão aquela respirada, lavam o rosto com água cristalina e fresca, e então se faz uma oração de agradecimento pelo ano que passou e as graças recebidas. Depois cada uma faz seu pedido, alguns em voz alta, e outros apenas no silêncio, mas tenho certeza que todos fazem algum pedido ou agradecimento.

As orações são sempre comandadas pelo Frei Ildo, que faz uma oração inicial e logo em seguida pede aos demais que digam os motivos que têm para agradecer a Deus e que coloquem os seus pedidos e preces.

Aí é hora de tomar o caminho da volta. O retorno é um pouco mais cansativo, mas o caminho de volta parece sempre mais curto, pois psicologicamente as pessoas imaginam um caminho cada vez mais perto de casa, e aí o cansaço diminui, mas também aumenta a ansiedade. Começa-se a sentir as primeiras dores nas pernas, o que prejudica um pouco as pessoas com mais idade. Mas a chega-

da é sempre motivo de alívio e conforto, pois fica a sensação da missão cumprida. Com certeza o cansaço maior vem depois de chegar em casa, tomar um banho e descansar um pouco. Aí vêm as dores musculares.

Resumindo: A caminhada em si tem um sentido muito grande, não pelo simples fato de dizer que a caminhada tem 26 km (ida e volta), mas, sim, pelo fato de que ali estão agrupadas em torno de dez pessoas que têm como objetivo agradecer pelo ano que passou e acolher o ano que está chegando. Não podemos dizer que a caminhada é apenas uma ida e uma volta. Isso tem um significado muito maior. Embora alguns não sejam tão fiéis e acabem indo uma vez ou duas e depois desistem, a maioria se mantém fiel e isso é o que dá o verdadeiro significado. Já temos a caminhada como uma referência na virada do ano, e isso faz com que durante o ano as pessoas do grupo já comecem a se articular e marcar a data da caminhada. Quem mora fora de Romelândia já planeja estar aí nesta data para participar.

Nossa Senhora de Lourdes é, para mim, uma referência ímpar, pois é nela que me inspiro e me apego para chegar até Deus, pois foi daí por diante, desde o início das caminhadas, que percebi uma mudança incrível na minha vida. Não só na questão financeira, mas também na saúde, na paz, na fraternidade, na união e na convivência familiar e em outras tantas situações. Por isso, só tenho que agradecer a Deus por ter nos abençoado e acompanhado em todos esses anos, de forma que tudo correu sempre bem. Que Deus seja louvado!

Nosso caminho

Possa você encontrar
ao longo do seu caminho:
em cada estrada, uma rosa,
em cada rosa, um caminho;
em cada céu, um azul,
em cada azul, a bonança;
em cada noite, uma estrela,
em cada estrela, a esperança;
em cada amigo, um irmão,
em cada irmão, um valor...

Possa você encontrar
ao longo do seu caminho
muito mais rosas e rosas,
mais rosas do que espinhos!

(Autor desconhecido)

A Gruta Nossa Senhora de Lourdes

Zilmar Perondi

A Gruta Nossa Senhora de Lourdes está localizada no município de Romelândia em Santa Catarina, na comunidade hoje conhecida como Linha Giotto. Esta comunidade teve início por volta de 1970 com a chegada dos primeiros caboclos que foram trabalhar como arrendatários e peões nas terras da família Giotto, que possuía grandes áreas de terra no local.

Além dos caboclos, na década de 1970, chegaram os primeiros imigrantes que fixaram moradia na comunidade. A família Bogo veio de Caxias do Sul (RS) e tem fama pelos grandes parreirais que cultiva como tradição que trouxe do Rio Grande do Sul. Ainda hoje produz uvas e é referência no município. Quem deseja comprar uvas ou simplesmente se dar ao prazer de ver um belo parreiral produtivo pode visitar a família Bogo e verá uma bela produção, isso na época da colheita. A família Kaiser veio de Guaraçaba (SC). A família Canalle veio de Anchieta (SC), e na época construíram uma serraria na comunidade.

Teobaldo e Ironi Schmid já moravam em Romelândia, na Linha São Roque, e foram morar na comunidade da Gruta ou Linha Giotto na década de 1970.

O primeiro professor da comunidade foi o Luiz Canalle e a primeira professora foi Célia Maders, que é nascida na comunidade de Linha Esperança. Os professores chegavam a cuidar de 50 crianças numa turma multisseriada.

Portanto, a comunidade foi fundada há cerca de 45 anos, na década de 1970. Nessa época, alguns caçadores acampavam na comunidade para caçar, e os animais iam se esconder num local onde havia muitas pedras e vertia água. Entre os caçadores havia o tal “Sargento Morosini”, que ficou muito conhecido na cidade de Romelândia. Foi ele que incentivou a criação do CTG com o nome Sepé Tiaraju. Os caçadores ficaram impressionados com a beleza natural do lugar, e assim o local das pedras e água foi visto como um espaço interessante. Com o tempo, foi planejado de se instalar ali uma santa, o que deu origem à Gruta Nossa Senhora de Lourdes.

A Gruta Nossa Senhora de Lourdes foi sendo organizada aos poucos, e por volta de 1980 aconteceu a primeira romaria, coordenada pela Paróquia Nossa Senhora da Conceição, de Romelândia. No entanto, quem realmente trabalhava eram os moradores sócios da comunidade. Aos poucos a própria comunidade passou a organizar as romarias com festa no mesmo dia. Um desafio grande era o de providenciar almoço para os participantes, que era sempre um churrasco bem saboroso. Os moradores se lembram bem dos primeiros anos, quando os espetos para assar a carne eram feitos com varas colhidas no mato local, os verdadeiros “espetos de pau”.



Gruta Nossa Senhora de Lourdes.

Foto de Ricardo Ribas. Disponível em:

<<http://ricardoribas.photoshelter.com/image/I0000LtJ8VPO5YXg>>.

Várias romarias já foram organizadas, algumas chegando a ter a presença de mais de três mil fiéis. De acordo com relatos de moradores da comunidade, as pessoas vinham das comunidades vizinhas e até de outros municípios. Depois das romarias, que eram anuais, os moradores

da comunidade costumavam encontrar diversos objetos, principalmente muletas, que eram de pessoas que alcançavam graças, e estas eram atribuídas a Nossa Senhora de Lourdes.

Um caso conhecido é da senhora Lurdes Benedito, que foi zeladora da Gruta por muitos anos e também foi professora da comunidade. Ela sempre teve dores fortes no ombro e fez uma promessa a Nossa Senhora de Lourdes. Passou, então, a fazer banhos diários com água retirada da Gruta. Depois de algum tempo, sentiu-se curada da dor e atribuiu a cura a uma graça por intermédio de Nossa Senhora de Lourdes.

A data oficial das romarias é 8 de dezembro de cada ano. Essa data foi escolhida já que a Padroeira do Município é Nossa Senhora da Conceição, cuja data se comemora nesse dia. Assim, para aproveitar o feriado municipal, foi definida essa data para as romarias.

Atualmente, diante do êxodo rural que permitiu a saída de muitos moradores e da juventude, a comunidade existe de forma precária. As romarias são realizadas novamente sob a coordenação da Paróquia Nossa Senhora da Conceição e outras entidades do município de Romelândia, sempre no dia 8 de dezembro.

(Fonte: Informações obtidas de Lurdes Benedito, Teobaldo e Ironi Schmid, antigos moradores da Linha Giotto e que atualmente residem na cidade de Romelândia).

Pegadas na areia

Uma noite eu tive um sonho...
Sonhei que estava andando na praia
com o Senhor,
e no céu passavam cenas de minha vida.
Para cada cena que passava,
percebi que eram deixados dois pares
de pegadas na areia:
um era meu e o outro do Senhor.
Quando a última cena da minha vida
passou diante de nós, olhei para trás,
para as pegadas na areia,
e notei que, muitas vezes,
no caminho da minha vida,
havia apenas um par de pegadas na areia.
Notei também que isso aconteceu
nos momentos mais difíceis
e angustiantes da minha vida.
Isso aborreceu-me deveras,
e perguntei então ao meu Senhor:
– Senhor, tu não me disseste que,
tendo eu resolvido te seguir,
tu andarias sempre comigo,
em todo o caminho?
Contudo, notei que, durante
as maiores tribulações do meu viver,
havia apenas um par de pegadas na areia.

Não compreendo por que, nas horas
em que eu mais necessitava de ti,
tu me deixaste sozinho.
O Senhor me respondeu:
– Meu querido filho!
Jamais te deixaria nas horas
de prova e de sofrimento.
Quando viste na areia
apenas um par de pegadas,
eram as minhas.
Foi exatamente aí
que te carreguei nos braços.
(Mary Stevenson)¹

¹ A autoria desta poesia é reivindicada por cinco pessoas, mas hoje é comprovado que a autora do poema é mesmo Mary Stevenson, a partir do texto original de 1936, e não por Margaret Fishback Powers, no Canadá ou outras pessoas que querem ter o direito de autoria.

3

Fatos pitorescos das caminhadas

*Paulo, Marcos, Marcelos e
Ramon Perondi*

3.1 O que foi sem ter ido...

A primeira vez que o Ildo foi junto, pousou na casa dos pais na Linha Esperança. Não foi bem combinado o horário do encontro. O grupo que saiu da cidade de Romelândia achou que ele já tinha ido à frente e não esperou. O Ildo percebeu que os cachorros do Tio Bépi acoavam, e isso era sinal que o grupo já estava lá adiante. Ele se mandou sozinho e não conseguiu alcançar o grupo. Era uma noite escura, e o tempo estava feio. Ildo não conhecia bem a estrada, entrou por umas “picadas” e se perdeu no meio das macegas. Acabou perdendo um dos chinelos. E aí começou uma chuva forte, choveu *a balocchi*, como se dizia. Sentindo-se perdido, sem saber onde estava, sentou-se, esperando o dia clarear. Então escutou as vozes do pessoal que estava voltando e conseguiu encontrar o grupo. Mas, nesta sua primeira vez, não conseguiu chegar até a Gruta.

3.2 Tem gente aí...

Foi numa das primeiras viagens, não havia lua e estava bastante escuro. Ao passar pela curva do Reis, o Zilmar e outro, que não me lembro quem era, iam à frente. Ficaram com medo e pararam esperando os demais: “Tem gente escondida ali na frente”. Paramos todos e ficamos um pouco receosos. Escutamos uma voz estranha, tipo: “buá, buá”. Silenciamos, e a voz se repetiu de novo, parecia vir da beira dos barrancos. “Quem está aí?” – perguntamos. Nenhuma resposta. Logo depois, a mesma voz de novo. O Vanir já puxou a faca. E quando a voz soou de novo alguém, deu uma risada e falou: “Não é gente. São as rãs que estão de barulho!”. Que alívio! Toda vez que passamos novamente naquela curva é sempre uma diversão lembrar do mico das rãs.

3.3 Esperando no cemitério

Um dos fatos mais interessantes que aconteceu na caminhada foi quando o Ildo ficou lá na Linha Esperança para esperar o grupo que vinha da cidade, como fazia todos os anos. Dormia na casa do pai e vinha até a encruzilhada, que ia para a Linha Giotto. Acontece que era sábado à noite, e tinha baile na Esperança. O salão ficava bem aí na encruzilhada. O Ildo havia chegado antes e não quis ficar parado ali fora esperando. Desceu um pouco, mas ficava estranho alguém parado à beira da estrada àquela hora, e o pessoal que saía do baile passando. Ildo desceu mais um pouco e chegou até o cemitério, resolveu

entrar e ficar ali aguardando o grupo. Quando percebeu que o grupo que vinha da cidade já estava perto, saiu do cemitério, rápido, e assustou todo mundo. Imaginem alguém saindo do cemitério às quatro horas da madrugada! Mas logo se deram conta que não era um fantasma e, sim, o companheiro da caminhada.

3.4 Uma boiada que deu medo

Outro fato que o pessoal não esquece é que para ir à Gruta era preciso passar pela fazenda do Nadal. Ele tinha uma grande criação de gado Nelore. Quando estávamos perto, ouvimos o tropel do gado, que deve ter-se acordado com a nossa presença. Escutávamos o barulho ensurdecedor que vinha em nossa direção: *plá, plá, plá...* O certo é que foi “pernas prá que te quero”, e nos dispersamos, cada um por onde achou melhor. Um se escondeu atrás do toco, outro no barranco, outro se pendurou numa árvore... Por sorte, o gado chegou até perto da estrada, deu meia volta e retornou. Mas o susto foi muito grande!

3.5 O dia em que a caminhada não terminou

Percorrer um trajeto de 26 km é um desafio para muitas pessoas. É comum os devotos realizarem tal esforço para fazer algum pedido ou como uma forma de agradecimento por uma graça alcançada. Foi o que aconteceu com Erivelto, cunhado de Paulo, que decidiu participar de uma das caminhadas com o intuito de pagar uma promessa de sua mãe, feita quando ele ainda era criança, na tentativa

de encontrar auxílio divino para suas enfermidades. Erivelto, assim como muitos que demonstraram interesse em participar das caminhadas durante estes 25 anos, foi alertado sobre as diversas dificuldades existentes, principalmente no que diz respeito ao estresse físico resultante. Porém, o desejo de cumprir a promessa se mostrou mais forte, e Erivelto decidiu realizar a árdua tarefa.

O início da caminhada é particularmente preocupante para todo iniciante. Os primeiros passos dão a impressão de que o corpo não conseguirá aguentar todo o trajeto. É comum ouvir lamentações, inclusive dos mais experientes, e não foi diferente com Erivelto. Passados alguns quilômetros, vieram as primeiras demonstrações de cansaço, seguidos de comentários de que essa sensação era normal para quase todos. Durante a caminhada, assim como era de costume, os mais resistentes iam amparando os que se sentiam mais debilitados, realizando paradas para descanso quando julgavam necessário.

Já era dia quando chegamos novamente na comunidade de Linha Esperança, desta vez no trajeto de volta, e o cansaço se agravava com o nascer do sol. Muitos já haviam trocado os calçados fechados, úteis para caminhar à noite, quando a escuridão não permite ver com clareza as agruras do caminho, por sandálias mais confortáveis. Conforme a jornada vai atingindo seu final, é normal que as queixas de cansaço aumentem, mas Erivelto passou a preocupar um pouco os demais, devido as frequentes paradas para descansar e retomar o fôlego. Havíamos acabado de passar pela histórica madeireira que demarca o fim da área rural e o início do perímetro urbano, quando Erivelto apro-

veitou a sombra de uma grande árvore à beira da estrada para, novamente, descansar. Parou por alguns instantes, respirou fundo, curvou-se apoiando as mãos sobre os joelhos, exausto. Ao tentar erguer-se, sentiu uma leve tontura e, tentando apoiar-se na cerca que estava ao seu lado, acabou caindo. Rapidamente os semblantes cansados deram lugar a rostos assustados. Nesta estranha reação que durou alguns segundos, Erivelto apresentou um forte espasmo muscular em todo o corpo, seguido de um relaxamento, igualmente instantâneo. Já deitado na estrada de terra, inconsciente, com todos chocados à sua volta, apresentava sinais de convulsão.

Desesperados, alguns integrantes do grupo pediram socorro a um motorista que passava pelo local. Quando o veículo se aproximou, perceberam que se tratava de João, um conhecido morador da localidade, que, percebendo que havia algo errado, imediatamente se deslocou para prestar ajuda. Erivelto foi levado ao pronto-socorro da cidade, acompanhado por Paulo. Para os dois, a caminhada acabava ali, mas os demais, mesmo transtornados com a situação, encontraram forças para apertar o passo e chegar ao hospital em busca de boas notícias. Ao chegar, encontraram Erivelto já consciente, medicado, conversando com Paulo e dando sinais de que estava melhor. De acordo com a enfermeira, ele havia apresentado, provavelmente, um quadro de hipoglicemia, não raro em condições de extremo esforço físico, agravado pela negligência com a alimentação e a hidratação adequadas no decorrer da atividade.

A experiência vivenciada trouxe importantes lições, principalmente a de que o corpo humano possui limites

que devem ser respeitados e que a alimentação e a hidratação são fundamentais para quem deseja enfrentar um desafio dessa magnitude.

3.6 O caso do vagalume

Tudo estava indo bem naquela madrugada. Estávamos caminhando em silêncio nas proximidades da residência dos Menon, na Linha São Cristóvão. Ao passar na curva, alguém avistou uma luz no poço do rio Primeira, que fica na curva, no fundo do potreiro do Guerino Menon. Como era costume nas noites quentes, havia alguns pescadores que gostavam de pescar a noite toda. Armaavam os espinhéis e, de vez em quando, passavam para ver se tinha peixe. Iam sempre com uma lanterna, que nós chamávamos de “foque”. Nós mesmos, anos atrás, passamos uma noite nesse lugar para pescar, e foi muito bom e produtivo. Mas a luz que acendia e apagava chamou nossa atenção e resolvemos ver se “a noite estava prá peixe”, como se diz. Lá fomos em direção ao poço. O problema é que, ao nos aproximarmos, ... cadê a luz? Chamamos, procuramos, e nada de sinal de pescador. Quando, desanimados, resolvemos seguir viagem, ao dar uma última averiguada, o Laudir, que estava junto, encontrou um vagalume bem graúdo, que era quem emitia as luzes. O pior foi depois ter que ouvir do Laudir, que é professor de Geografia e estudioso dos vagalumes, ficar dizendo que “onde tem esse tipo de bichinho é sinal de que o ar é puro, pois os vagalumes não se criam onde há poluição...” e outras lições sobre o assunto.

3.7 Pequena tradição, grande competição

O costume de jogar pedras no açude já é de longa data, e em toda caminhada há a competição. Mas, como tudo que acontece tem uma primeira vez, a disputa de quem joga as pedras mais longe também teve a sua. Como a caminhada, a missão de arremessar as pedras em direção a um açude que fica a uns 200 metros de distância da estrada, com um perau separando o homem do objetivo, começou como um desafio entre seus participantes. Há quem entre na brincadeira apenas para desafiar a si próprio e mostrar que seu corpo tem as capacidades necessárias para completar a missão. Por outro lado, há quem leve a disputa a sério e, em caso de vitória, lembre o arremesso vencedor durante o próximo ano inteiro em cada festa de família reunida. Pelo esporte ou pela diversão, não há como negar que o arremesso das pedras no açude adiciona um “quê” a mais na caminhada. Ramon, o mais novo dos netos de Caetano que participa das caminhadas, afirma: “Nos últimos dois anos não participei, mas, antes disso, eu era o bicampeão, não tinha pra ninguém mesmo”. Já o Marcelos, rebate: “Bom, nos últimos dois anos o título ficou comigo, e acredito que sou o favorito para ganhar esse ano também. O Ramon estava numa grande fase, mas aquilo é passado. Acredito que ele não foi nas últimas caminhadas por que estava com medo de perder a disputa”. Entre uma brincadeira e outra, o que fica mesmo é o símbolo de que pequenas ações, como o arremesso de uma pedra, podem solidificar grandes amizades.

3.8 Pregando uma peça

Quem conhece o Laudir Luiz, filho do Seu Caetano, sabe que ele sempre foi um cara de muitas brincadeiras. Laudir já foi em várias caminhadas até a Gruta, mas tem uma que ficou guardada em sua lembrança como especial. O percurso já passava da metade, todos já haviam se reabastecido fisicamente e mentalmente para o trajeto de volta. Algumas comidas e bebidas foram consumidas aqui e ali. Saindo da mata que envolve a Gruta, a primeira coisa a se encarar é uma bela subida íngreme, para não deixar ninguém pensando que a volta será tão fácil quanto a ida. Foi no meio dessa subida que Laudir se desencilhou do grupo e ficou um pouco para trás do resto dos andarilhos. Cerca de cinco minutos depois, Ramon, seu filho, percebeu que seu pai não estava mais andando com o grupo. Preocupado com a situação, o filho achou melhor avisar os outros. Todos concordaram que seria melhor voltar e ver o que poderia ter acontecido com Laudir, uma vez que já haviam visto outras pessoas se sentirem mal na volta da caminhada em anos anteriores, e a experiência não tinha sido nada agradável. Iniciou-se a busca pelo paradeiro do homem perdido, primeiramente pela estrada principal e chamando pelo nome: “Laudir, Laudir, cadê você?”. Passados alguns minutos de uma busca sem resultados, Paulo e Marcos, sobrinhos de Laudir, decidiram ir atrás do tio por uma estrada secundária, em meio a um milharal, pois, aparentemente, havia uma clareira naquela região e algumas pegadas que poderiam ser do tio desaparecido. Quando Marcos e Paulo já esta-

vam no meio do caminho e todos já bem preocupados com a situação, eis que Laudir surge uns 200 metros à frente com um sorriso no rosto, bradando: “Rá, peguei vocês”. Embora ele negue, é possível que ele tenha ido “ao banheiro” pelo caminho do milho e, tendo achado um atalho, quis ganhar vantagem e despistar os seus detetives. O que é certo é que todo mundo caiu, e ainda cai na gargalhada, quando Laudir conta a história de quando pregou uma peça em toda a família.

3.9 Cachorros

Os cachorros são, seguramente, os maiores inimigos da caminhada. Basta sentir a presença de gente, e logo se põem a acoar. O diácho é que, quando um começa, os outros também acordam. Às vezes chegam a vir perto da estrada. Nós temos o costume de não dar bola aos cachorros, fazer de conta que não se tem medo é a melhor coisa contra cachorro.

Mas tem o cachorro que não costuma latir e fica quieto, e este é o mais perigoso. Certa vez, o Vanir precisou urinar e ficou para trás do grupo. E, quando passamos pelo Nadal, até estranhamos, pois todos os anos havia a cachorrada por lá. Então veio o Vanir, depois do grupo, um infeliz dum cachorro se posicionou bem no meio da estrada. Quando o Vanir percebeu, estava a um metro dele. Nem deu tempo de pensar, e lascou: “Sai!”. Acho que o grito foi tão forte e ameaçador que o cachorro saiu correndo e uivando como se tivesse levado uma pedrada nas costas.

Bênção

Que o caminho seja suave
aos teus pés.

Que o vento sopra doce
nas tuas costas.

Que o sol brilhe formoso
sobre a tua face.

E que a chuva caia serena
nos teus campos.

E até que eu te veja de novo
que Deus te proteja
na palma da Sua mão!

(Antiga bênção irlandesa)

4.1 Uma aventura de fé

Antoninho Perondi

A minha participação na caminhada até a Gruta não foi tão intensa como a da maioria dos meus irmãos. Eu fui apenas duas vezes, pois moro em Guarulhos (SP). Como tradição religiosa, além da participação nas missas e nos cultos dominicais, isso fez com que eu me acostumassem a ir até a Gruta com os outros irmãos e acompanhei o grupo nesta caminhada. Além da fé, pelo qual os romeiros buscam sua cura e a proteção para o ano que vai começar, agradecem a Deus através do esforço de ir até o local.

No meu caso, gosto de ir até a Gruta em sinal de agradecimento por tudo o que Deus me tem concedido. Levantar de madrugada e começar a caminhada numa escuridão, em que às vezes era necessário usar lanterna para poder seguir a viagem, tornava-se quase uma aventura. Mas vale a pena fazer esse esforço, pois além da fé que sempre preservamos na família, a Gruta também é um lugar muito bonito e agradável para visitar. Por isso ela atrai pessoas de toda região do Oeste de Santa Catarina.

Essa tradição de fé nós devemos muito ao nosso pai Caetano, que sempre incentivou em nós a fé cristã e sem-

pre teve a preocupação de que todos os filhos tivessem um futuro digno. Apesar das divergências (o que acho absolutamente normal) com meu pai, sempre tive admiração pela forma como ele conduzia a família e pela preocupação que teve com o bem de todos.

A tradição religiosa de fazer a caminhada no final do ano começou há 25 anos, para pedir graças a Deus ou agradecer por alguma coisa recebida. Esta tradição se mantém até os dias de hoje e vai continuar por muito tempo, se Deus quiser.

4.2 Uma caminhada que é fonte de inspiração

Doralice Belusso Perondi (Dora)

Eu iniciei minha participação na caminhada na terceira ou na quarta vez, não me recordo bem, quando o Vanir a fazia sozinho. No entanto, eu fui a primeira a acompanhá-lo. No início, apenas fui para fazer companhia, mas aí gostei de ter ido junto e não desisti mais.

Para mim, a caminhada representa muito mais que um passeio, pois parece que a cada ano, apesar do cansaço, ela sempre tem seu lado positivo que é, sem dúvida, uma fonte de inspiração e energia para o ano que começa.

Com relação à caminhada, o que dá ânimo e vontade de ir é a parceria do grupo, pois, durante o percurso, existem momentos de desconcentração que impedem o cansaço e tornam a caminhada mais emocionante e inspiradora. Se não fosse a animação do grupo, com certeza a caminhada já estaria comprometida, mas, graças a Deus e

à vontade de todos, parece que a cada ano os ânimos aumentam, e todos já planejam a caminhada do próximo ano.

Acho que, como é uma caminhada que tem um sentido religioso, Deus sempre está por perto para dar uma ajuda e proteção.

4.3 Um olhar ecológico na caminhada

Anita Stival Perondi

Nem mesmo a penumbra da noite pode ocultar as belezas naturais que paulatinamente emergem do longo trajeto que nos leva à Gruta de Nossa Senhora de Lourdes em Romelândia (SC). Guiados pela luminescência dos vagalumes, não raro somos nós surpreendidos por uma complexa sinfonia orquestrada por cigarras, grilos, anfíbios e aves, que rompem o silêncio etéreo da madrugada. A brisa leve sopra e traz consigo os mais diversos odores, do adocicado das flores até o mais excêntrico, secretado pelo opilião (aranha-alho).

O sol matutino, brilhando sobre as colinas, revela a verdadeira face do que nos rodeia. São grápias, angicos, cabriúvas, louros, canelas e cedros, os quais formam pequenos fragmentos de florestas secundárias, imersos em uma vasta matriz agrícola e pecuária. Trata-se dos últimos remanescentes de Floresta Estacional Decidual – tipologia florestal pertencente ao bioma Mata Atlântica – caracterizada pela perda de folhas de parte das espécies arbóreas durante o outono, o inverno e o início da primavera.

Esses são resquícios da biodiversidade do Oeste Catarinense, persistindo diante da intensa exploração dos recursos naturais à qual a região está sujeita, com a conversão de florestas em áreas de cultivo agrícola ou reflorestamento, poluição das águas e assoreamento dos rios devido à remoção da mata ciliar. Intervenções humanas, no ambiente, podem ser percebidas durante toda a caminhada, desde a triste imagem cinza deixada pelas queimadas, as frequentes clareiras abertas para extração de madeira, até a intrigante presença de caçadores, cujo “esporte” extermina o pouco que resta da fauna nativa. A água fresca que escorre pelas paredes rochosas da Gruta, por vezes revitaliza nossas forças, mas não é própria para saciar a nossa sede, devido ao uso indiscriminado de agrotóxicos nas lavouras do seu entorno. Mesmo diante de tamanha degradação, a natureza ainda consegue dar pequenos exemplos aos caminhantes dos importantes serviços ambientais prestados à sociedade, como o revigorante ar fresco vindo das áreas de matas ou, até mesmo, a desejada sombra nos momentos de sol escaldante, que representam a regulação térmica natural fornecida pela vegetação. A presença de plantas nativas ao longo do percurso também promove a integração do grupo por meio de uma tradicional atividade de observação e identificação de espécies sob diferentes óticas, contrastando conhecimento popular e científico na ânsia de conhecer um pouco da diversidade a nossa volta. Essa prática suscita interessantes discussões acerca de questões ambientais, tema que desperta o interesse de boa parte dos participantes.

Certamente a natureza desempenha um papel muito importante nas nossas peregrinações, pois ela não somente compartilha seus encantos para tornar nossa jornada mais abençoada, sábia e feliz, mas também provê “sombra e água fresca” para torná-la menos árdua. Da mesma forma, ela presenteia todos os seres humanos com uma série de bens e serviços, tais como proteção da água, polinização de culturas agrícolas, minimização da erosão e regulação climática, de modo que a nossa presença terrena seja repleta de prosperidade!

4.4 Recordações

Ramon Perondi

A minha primeira vez na caminhada até a Gruta ocorreu no ano de 2006, um ano glorioso para o meu time do coração, o Sport Club Internacional. Antes mesmo de tudo isso acontecer, eu já planejava ir junto, pois via todo ano o pessoal comentando nas festas de família quão sofrido era o percurso e o quão recompensador era saber que seus corpos e suas mentes suportavam toda a carga física e mental de 26 quilômetros. Eu tinha apenas treze anos, não sabia ao certo se iria aguentar todo o caminho, mas meu pai, Laudir Luiz Perondi, me encorajou a cumprir essa missão numa espécie de agradecimento a todos os fatos que marcaram aquele ano. Por fim, ficou decidido que subiríamos de moto até a casa do meu nono Caetano e sairíamos com cinco quilômetros de “vantagem” em relação aos outros.

A cena que mais me marcou em todos esses anos de caminhadas foi, curiosamente, antes do início. Eram 4 horas da manhã daquele dia 30 de dezembro no final de 2005, e nós havíamos acabado de chegar à casa do nono Caetano. Na minha cabeça, quem estaria de pé seria somente o Tio Ildo, que era o único que também iria partir da casa do nono. Engano meu. Lá estava o Seu Caetano nos esperando ao lado do fogão a lenha, numa prosa bem “buenacha” e prolongada com o Tio Ildo. Logo mais, quando partimos, nos desejou boa sorte e, não me recordo, mas baseado em outras experiências, deve ter feito uma piada sobre um assunto qualquer para nos fazer partir em paz e alegria. Naquele momento eu compreendi que o significado da caminhada até a Gruta era muito mais amplo que simplesmente o esforço físico, a fé ou qualquer outro motivo que seja.

Quanto mais os anos passam após o falecimento do nono Caetano, mais essa tese se reforça na minha cabeça. Não houve uma caminhada em que eu passasse pelo salão da Linha Esperança sem lembrar do Seu Caetano. Com a simplicidade como carro-chefe, fico imaginando o quanto ele era orgulhoso em ver a família unida num gesto tão simples como é o ato de caminhar. Cada um com seus motivos e objetivos, mas todos unidos e comprometidos na busca incessante de relembrar histórias passadas e buscar na memória o sorriso simples que Seu Caetano nos deixou.

Sigue el camino

Sigue el camino, tortuoso o recto,
que Dios te ha señalado.
Pase lo que pase, no lo abandones,
porque es el tuyo.
Lánzate audaz y alegremente,
y cuando tropieces con la única aventura,
el don total de Dios,
acéptala.
Solo Dios cuenta.
Solo su luz y su amor
pueden colmar nuestro pobre corazón,
demasiado grande para el mundo que lo rodea.
(Guy de Larigaudie, 1908-1940, escritor y periodista francés)

Segue o caminho (tradução)

Segue o caminho, tortuoso ou reto,
que Deus te assinalou.
Aconteça o que acontecer, não o abandones,
porque é o teu caminho.
Lança-te audaz e alegremente,
e quando tropeçares com a única aventura,
o dom total de Deus,
aceita-a.
Só Deus conta.
Só a sua luz e o seu amor
podem acalmar nosso pobre coração,
grande demais para o mundo que o rodeia.
(Guy de Larigaudie, 1908-1940, escritor e periodista francés)

Frei Ildo Perondi

5.1 Deus caminha com seu povo, e o povo caminha com seu Deus

A história de nossos pais e nossas mães da fé na Bíblia começa com um chamado de Deus a Abrão “Sai da tua terra...” (Gn 12,1). Abrão, sua mulher Sara e seu clã caminham em direção à Terra Prometida. Deus pede a Abrão que “ande na sua presença” (Gn 17,1). E assim inicia esta caminhada em que Deus faz a Aliança e vai cumprindo as suas promessas. Abrão caminha com Deus e confia nas suas promessas. Deus muda o seu nome para Abraão e com ele faz Aliança (Gn 17,4-10). Aos nossos pais da fé, Deus deu uma garantia de que estará presente (Gn 15,1; 21,22; 26,3.24). É isso que Deus diz também a Jacó: “Eu estou contigo e te guardarei em todo o lugar aonde fores...” (Gn 28,15). É esta presença que faz com que haja a resposta, e Jacó escolhe o Senhor para ser seu Deus: “Se Deus estiver comigo e me guardar no caminho por onde eu for, se me der pão para comer e roupas para me vestir, se eu voltar são e salvo para a casa de meu pai, então o Senhor será o meu Deus” (Gn 28,20-21). Nossos pais e nossas mães da fé nos deram o mais belo exemplo: caminhar com Deus é o que dá sentido à vida.

É na Bíblia que encontramos a mais famosa de todas as caminhadas já realizadas nesta Terra. O povo de Deus era escravo no Egito, e Deus prometeu libertá-lo, fazendo-o sair do Egito para “uma terra em que corre leite e mel” (Ex 3,8). Moisés foi o líder deste projeto. Saindo do Egito, o povo teve que atravessar o Mar Vermelho (Ex 14,15-31) e depois caminhar pelo deserto, enfrentando muitas dificuldades, como: sede (Ex 15,22-27), fome (Ex 16,1-36), inimigos (Ex 17,1-10), crises e falta de lideranças (Ex 18,1-27), alguns desanimados que queriam voltar atrás (Nm 11,4; 14,1-4), serpentes venenosas (Nm 21,6-7), etc. Em meio às crises e aos conflitos da caminhada o Senhor estava presente: “Eles erravam pelo deserto solitário, sem achar caminho para uma cidade habitada; estavam famintos e sedentos, a vida já os abandonava. E gritaram ao Senhor na sua aflição, ele os livrou de suas angústias e os encaminhou pelo caminho certo, para irem a uma cidade habitada” (Sl 107,4-7). Mesmo que o calor do sol fosse forte ou a noite fosse escura, o Senhor Deus caminhava com seu povo: “O Senhor ia adiante deles, durante o dia, numa coluna de nuvem, para os guiar pelo caminho; durante a noite, numa coluna de fogo, para os alumiar, a fim de que caminhassem de dia e de noite” (Ex 13,21). O Senhor estava presente, guiando o seu povo, dando forças, instituindo a sua aliança (Ex 24,1-8), até que conseguiram chegar à Terra Prometida.

O difícil, perigoso e longo caminho do povo de Deus que saiu da escravidão do Egito e marchou através do deserto, rumo à Terra Prometida, foi também um caminho fértil e proveitoso. Foi no deserto que Deus educou e formou seu povo. Por isso, ao entrar na Terra Prometida, o

povo celebrou a Páscoa (Js 5,10). A palavra hebraica é *pessach*, que significa “passagem”: Deus passou pelas casas dos israelitas; o povo passou do Egito para a Terra Prometida; passou da escravidão para a liberdade. Páscoa é, então, caminho, é passagem, é travessia.

No seu discurso de despedida, antes de morrer, Moisés orientou o povo a andar nos caminhos do Senhor. A vida é como dois caminhos: o caminho da vida ou da desgraça; o caminho da bênção ou da maldição (ver Dt 30,15-20). O povo deve saber fazer esta escolha livremente. Por isso Moisés aconselha: “Escolhe, pois, a vida e viverás!” (Dt 30,19).

É também na Bíblia que encontramos muitos Salmos que falam e celebram a caminhada com Deus. O primeiro Salmo da Bíblia (Sl 1) define a nossa vida como dois caminhos: o caminho dos justos (Sl 1,1-3) e o caminho dos ímpios (Sl 1,4-5), porque “o Senhor conhece o caminho dos justos, mas o caminho dos ímpios perece” (Sl 1,6). Já o Salmo mais longo da Bíblia (Sl 119), que reflete sobre a importância da Lei de Deus como um caminho a seguir, afirma que: “Tua Palavra é lâmpada para os meus pés e luz para o meu caminho” (Sl 119,105). Ou seja: o povo de Deus segue sua caminhada guiado pela Palavra de Deus; é ela que ilumina este caminho (Sl 107,4-7); porque o Senhor é proteção e alívio para o caminhante: “Em verdes pastagens me leva a repousar” (Sl 23,2). O Senhor se revela como ajuda, indica e torna perfeito o caminho (Sl 18,33; 139,24; 143,8), porque em última instância o caminho é de Deus (Sl 25,4; 27,11). É o Senhor que ensina o caminho da vida: “Ensinar-me-ás o caminho da vida, cheio de alegria em tua presença e delícias à tua direita, perpetuamente” (Sl 16,11).

No Livro dos Salmos, encontramos até um conjunto de Salmos que foram compostos justamente para as peregrinações que o povo fazia a Jerusalém. São os Salmos 120 a 136, que são chamados de “Salmos das subidas”. Um deles é um Salmo que era sempre recitado não só para ir ao Templo em Jerusalém, mas em qualquer caminhada ou viagem que fosse empreendida. É o Salmo 121, que transcrevemos abaixo:

1 *Cântico para as subidas*

Ergo os olhos para os montes:
de onde virá meu socorro?

2 Meu socorro vem do Senhor,
que fez os céus e a terra.

3 Não deixará teu pé tropeçar,
o teu guarda jamais cochila!

4 Sim! Não cochila e não dorme
o guarda de Israel.

5 O Senhor é teu guarda, tua sombra.
O Senhor está à tua direita.

6 De dia o sol não te ferirá
nem a lua de noite.

7 O Senhor te guarda de todo o mal,
ele guarda a tua vida:

8 O Senhor guarda a tua partida e chegada,
desde agora e para sempre.

Os livros sapienciais na Bíblia também mencionam com frequência o caminho e as caminhadas: “Seguirás tranquilo o teu caminho, sem que tropecem os teus pés” (Pr 3,23) porque os caminhos de Deus são deliciosos e os seus trilhos

conduzem à prosperidade (Pr 3,17). O justo deve buscar a sabedoria do temor do Senhor e andar no reto caminho, e não cair nas armadilhas dos ímpios que tornam tortos os caminhos (Pr 2,1-14). Assim “quem anda na retidão teme ao Senhor, e quem se desvia dos seus caminhos o despreza (Pr 14,2). Os mestres orientavam os discípulos a andarem pelo caminho reto (Pr 23,19) e pelos caminhos firmes e bem construídos (Pr 4,26; 15,24); pois o caminho do perverso pode levar à desgraça (Pr 1,8-19; 2,19; 5,1-8). Ao contrário, o caminho dos justos brilha como a aurora e vai alumando até que se faça dia. Bem diferente é o caminho dos ímpios, que é tenebroso, pois eles não sabem onde tropeçam (Pr 4,18-19; 4,11; 12,15).

Nos caminhos e nas caminhadas não é bom estar sozinho e é por isso que é preciso ajudar-se no caminho: “Mais valem dois do que um só... porque se caem, um levanta o outro; quem está sozinho, se cai, não tem ninguém para levantá-lo” (Ec1 4,9-10).

Também nos textos proféticos encontramos muitas passagens que procuram animar os caminhantes. Certa vez o profeta Elias estava aborrecido e desanimado. Sentou-se debaixo de uma árvore e pediu a morte. Mas Deus enviou um anjo para animá-lo: “Levanta-te, pois ainda tens um longo caminho a percorrer” (1Rs 19,7).

No exílio da Babilônia, o profeta animava o povo dizendo: “Cada um ajuda o seu companheiro e diz ao seu irmão: coragem!” (Is 41,6) e preparava o povo para sair do exílio e retornar à Terra Prometida indicando que Deus estaria junto com o seu povo: “Não tenhas medo, porque eu te resgatei. Chamei-te pelo nome: tu és meu! Quando

passares pela água, estarei contigo, quando passares por rios, eles não te afogarão; quando andares pelo fogo, não te queimarás, a chama não te atingirá... Pois és precioso aos meus olhos, eu te aprecio e te amo” (Is 44,1a-2.4a).

Um dos pontos mais importantes do anúncio dos profetas é para que o povo caminhe na justiça, que siga os ensinamentos do seu Deus. É a isso que o profeta Miqueias exorta e pede ao povo: “Foi-te anunciado, ó homem, o que é bom, e que o Senhor exige de ti: nada mais do que praticar a justiça, amar a bondade e te sujeitares a caminhar com teu Deus” (Mq 6,8).

5.2 Jesus Cristo: caminho e caminhante

Jesus Cristo é um modelo de caminho e de caminhante. Antes mesmo de nascer, sua mãe partiu de Nazaré e dirigiu-se a uma vila, perto de Jerusalém, chamada *Ein Karen*, e foi visitar sua parente Isabel que também estava grávida (Lc 1,39). Deve ter sido uma caminhada difícil para uma mulher grávida, por estradas tortuosas, entre montanhas, por caminhos difíceis. O certo é que, ao chegar, houve um encontro de alegria. Foi o encontro de duas mães, dois ventres que se encontraram, dois meninos que exultaram de alegria no Espírito Santo, dois Testamentos (Isabel representa o Antigo, e Maria, o Novo), o humano e o divino se encontram (Lc 1,39-45). São duas caminhadas que se encontram: a caminhada do povo de Deus da antiga Aliança e a nova caminhada dos cristãos que estava iniciando a Nova Aliança.

João Batista preparou o caminho de Jesus (Mc 1,2-3). Jesus foi um pregador andarilho. Foi caminhando à beira

do mar da Galileia que ele viu e chamou os seus primeiros discípulos (Mc 1,16-20; Mt 4,18-22). Jesus caminhava, dirigia-se aos lugares desertos ou subia montanhas, aonde ia para encontrar-se com Deus e abastecer-se espiritualmente (Mc 1,35; 3,13; 9,2; Mt 14,23; Lc 5,16; 6,12; 9,28; 11,1; etc.).

Nos evangelhos nós percebemos que Jesus está sempre em movimento. Caminhando, Jesus passava pelas cidades anunciando o Evangelho (Mc 1,14.21), visitando os pobres e os doentes (Mc 1,29; 2,1; 3,1; etc.). Certa vez, ao tomar conhecimento de que o filho único de uma viúva havia morrido, Jesus saiu em caminhada e foi até uma cidade chamada Naim, onde devolveu a vida ao jovem morto (Lc 7,11-17).

A vida de Jesus foi um movimento. O caminho de Jesus foi também lugar de encontros e desencontros. Quem caminhava com Jesus? Ele era o Mestre, por isso ia à frente (Mc 10,32; Lc 19,28). Mas não ia sozinho. Tinha o grupo dos três: Pedro, Tiago e João, o grupo mais próximo dele nos momentos mais importantes (Mc 1,29; 5,37; 9,2; 13,3; 14,33; etc.); havia o grupo dos doze apóstolos (Mc 3,13-19; 6,7-13); o grupo dos discípulos, que são os setenta e dois (Lc 10,1); o grupo das mulheres (Lc 8,1-3) que foi fiel até o fim (Lc 23,27-32.55-56; 24,1ss).

No caminho de Jesus há pessoas à beira do caminho. Gente que se extraviou pelo caminho. Pessoas que acolheram Jesus na caminhada, que lhe deram de beber e comer ou que lhe ofereceram hospedagem.

Muitas vezes e de muitas formas, Jesus usou de comparações para se revelar e transmitir a sua mensagem. Uma

das mais belas é quando Jesus diz: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6). Portanto, Jesus se revela como caminhante e, ao mesmo tempo, como o Caminho que nos conduz ao Pai. É neste caminho que nós encontramos a verdade e neste Caminho que nós temos a vida: “Eu vim para que todos tenham vida, e vida em abundância” (Jo 10,10).

Depois de passar cerca de três anos de atividades na Galileia, Jesus decidiu ir caminhando até Jerusalém. Em Lc 9,51 Jesus inicia o longo caminho que o conduz até Jerusalém, onde sofrerá a paixão e a morte, e experimentará a ressurreição. Metade do Evangelho de Lucas é dedicada à caminhada da Galileia até Jerusalém (Lc 9,51-19,45).

Jesus ia à frente do grupo (Lc 19,28). Seu caminho também não foi fácil, e assim será o caminho de quem quer segui-lo. Por isso, ensinou: “Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome sua cruz cada dia e siga-me” (Lc 9,23). E até Jesus precisou de ajuda no caminho do Calvário, quando Simão Cireneu o ajudou a carregar a cruz (Mc 15,21; Lc 23,26). Como um malfeitor, morreu condenado pelo sistema opressor, crucificado numa cruz à beira do caminho, como era costume naquela época.

Mas a cruz e a morte não tiveram a última palavra. No terceiro dia Deus o ressuscitou. Ele continua vivo e foi encontrar as mulheres que corriam (Mt 28,8-9) e apareceu também aos discípulos que caminharam para o encontro na montanha (Mt 28,16). Apareceu depois ainda aos discípulos que caminhavam (Mc 16,12; Lc 24,15).

5.3 Caminhamos na estrada de Jesus!

Os cristãos das primeiras comunidades afirmavam que seguiam o “Caminho” (At 9,2; 18,25-26; 19,23). De fato, Jesus disse: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6). Ele é o caminho que nos conduz ao Pai, e que ensina o caminho de Deus (cf. Mt 22,16). Em Jesus “temos um caminho novo e vivo que Ele mesmo inaugurou” (Hb 10,20).

Foi no caminho de Emaús que os discípulos fizeram a experiência do encontro com Jesus Ressuscitado (Lc 24,13-35). No caminho Jesus explicava as Escrituras que aqueciam o coração (Lc 24,32). Foi no caminho que o diácono Filipe interpretou a passagem da Escritura ao etíope (At 8,26ss). E foi também no caminho de Damasco que Saulo se encontrou com o Senhor Jesus, que o chamou e convidou a mudar de vida (At 9,3ss). Saulo mudou de nome e passou a se chamar Paulo. Ele abandonou o caminho que levava à morte e passou a caminhar com Jesus. Tornou-se o grande apóstolo. Os Atos dos Apóstolos narram as várias viagens missionárias de Paulo. Pelas cidades onde passava, o apóstolo Paulo anunciava a boa notícia de Jesus e fundava novas comunidades.

Assim a vida espiritual dos cristãos tantas vezes foi definida como um Caminho, pois Jesus continua repetindo para nós o mesmo convite que fez aos primeiros seguidores: “Vem e segue-me!” (Mt 4,19-20; 8,22). Com Ele nós caminhamos e carregamos a cruz de cada dia (Mc 8,34; Lc 14,27), e é pelo Espírito que somos conduzidos (cf. Gl 5,16). Com razão o autor da Carta aos Hebreus nos convida a caminhar com “olhos fixos em Jesus, Autor e Consumador da nossa fé” (Hb 12,2).

5.4 Mensagem

Como o povo de Deus, no Antigo Testamento, que fez caminhada em busca de uma nova terra e de dias melhores, hoje nós também somos caminhantes em busca de novas terras, novas esperanças, novos sonhos... O povo teve que atravessar o Mar Vermelho e superar os conflitos da caminhada. Hoje nós também devemos atravessar os mares da vida, enfrentar e superar os obstáculos do caminho, acreditar que há um Deus que caminha conosco e que nos dá força e coragem, acreditar que somos capazes de superar os desafios e as dificuldades que surgem pela frente.

E hoje: quem é que caminha conosco? Quem vem juntar-se a nós em nossas caminhadas? Quem se perdeu ou nos abandonou no caminho? Por que alguns desistem ou desanimam na caminhada? Quem está à beira deste caminho, às suas margens? E quem é que nos acolhe? Quem nos ajuda a carregar a cruz de cada dia? Com quem caminhamos? O caminho muitas vezes tem mais perguntas do que respostas, porque somente quando nos colocamos em movimento é que encontramos respostas para os tantos questionamentos que esta vida nos faz.

E o caminho é mais belo quando caminhamos como irmãos, como Igreja fraterna, guiados pela Palavra e com a certeza de que Jesus caminha conosco. Somos povo de Deus a caminho e, por isso, cantamos: “Também sou teu povo, Senhor, e estou nesta estrada. Tu és o alimento na longa jornada”. A vida nos convida e nos ensina: façamos caminho! Sim, porque hoje também nós “caminhamos na estrada de Jesus!”.

A caminhada se faz passo após passo. Nenhum caminho é longo demais. E nenhuma caminhada é cansativa se sabemos para onde estamos indo, onde queremos chegar. Por isso, é bom lembrar outro canto que diz: “Passo a passo, pouco a pouco e o caminho se faz!”.

Um antigo provérbio magrebino, de perto da terra de Jesus, nos ensina: “Nenhuma caravana jamais alcançou a utopia, mas é a utopia que faz andar as caravanas!”. Portanto, quem caminha precisa ter horizontes, ter sonhos, olhar para o futuro, mesmo que ele pareça distante e até impossível. Mas é quando temos um rumo e uma direção que caminhamos e podemos alcançar o objetivo.

Também é belo quando construímos o nosso próprio caminho. Como escreveu o poeta Machado: “O caminho se faz ao andar, é no andar que se faz caminho!”.

Por isso, qualquer caminhada que se faça deve ser uma caminhada com Deus. Um dia, num momento de crise Moisés suplicou a Deus: “Mostra-me o teu caminho...” (Ex 33,13), pois “se não vieres tu mesmo, não nos faças sair daqui” (Ex 33,15). É com esta certeza que caminhamos, seja no dia a dia de nossas vidas, ou nos momentos especiais quando decidimos partir em peregrinações. Caminhamos porque acreditamos que Deus está conosco, como esteve com o povo de Deus na Bíblia. Caminhamos porque temos certeza de que Jesus está no meio de nós, pois ele disse que “onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali eu estou no meio deles” (Mt 18,20). E também porque ele prometeu: “Eis que estou convosco todos os dias até o fim dos tempos” (Mt 28,20).

Deus dá o seu sorriso...

Aos caídos à beira do caminho,
Deus resgata e lhes dá o seu sorriso!
Aos que estão abandonados,
Deus se faz presente e lhes dá o seu sorriso!
Aos trabalhadores e às trabalhadoras,
Deus sustenta e lhes dá o seu sorriso!
Aos desempregados e desempregadas,
Deus estende sua mão e lhes dá o seu sorriso!
Aos que estão nas prisões,
Deus ampara e lhes dá o seu sorriso!
Aos que estão doentes,
Deus conforta e lhes dá o seu sorriso!
Aos pais e às mães de filhos drogados,
Deus compreende e lhes dá o seu sorriso!
Aos que choram e estão aflitos,
Deus consola e lhes dá o seu sorriso!
Aos que sofrem de depressão,
Deus anima e lhes dá o seu sorriso!
Aos que sofrem de câncer,
Deus acompanha e lhes dá o seu sorriso!
Aos que são discriminados,
Deus é solidário e lhes dá o seu sorriso!
Aos que respondem ao seu chamado,
Deus ouve e lhes dá o seu sorriso!
Aos que servem ao seu reino,
Deus abençoa e lhes dá o seu sorriso!
Às mães que geram a vida,
Deus fecunda e lhes dá o seu sorriso!
Aos que agem com ética na política,
Deus acompanha e lhes dá o seu sorriso!

Aos que promovem a vida,
Deus fortalece e lhes dá o seu sorriso!
Aos que lutam pela terra,
Deus encoraja e lhes dá o seu sorriso!
Aos meninos e às meninas de rua,
Deus acolhe e lhes dá o seu sorriso!
Aos jovens e adolescentes,
Deus orienta e lhes dá o seu sorriso!
Aos que sonham com um mundo melhor,
Deus ajuda e lhes dá o seu sorriso!
Aos que estudam e pesquisam coisas novas,
Deus ilumina e lhes dá o seu sorriso!
Aos que falham e reconhecem seu erro,
Deus perdoa e lhes dá o seu sorriso!
Aos desanimados que querem recomeçar,
Deus socorre e lhes dá o seu sorriso!
Aos que defendem a natureza e a Criação,
Deus protege e lhes dá o seu sorriso!
Aos professores e às professoras,
Deus ensina e lhes dá o seu sorriso!
Às pessoas com deficiência,
Deus conduz e lhes dá o seu sorriso!
Aos que gritam e clamam pelas ruas,
Deus ouve e lhes dá o seu sorriso!
Aos oprimidos e injustiçados,
Deus liberta e lhes dá o seu sorriso!
Aos que partem desta vida,
Deus os abraça e lhes dá o seu sorriso!
Aos nenês que nascem neste dia,
Deus acaricia e lhes dá o seu sorriso!
A você que sorri...
Deus ama e lhe dá o seu sorriso!
(Frei Ildo Perondi)

6

Saudades de Seu Caetano

Olavo Perondi

6.1 Legado: obstinação e persistência

Quando pensamos em resgatar a memória e fazer uma retrospectiva e considerações sobre a vida e os ensinamentos do Seu Caetano, o que mais nos ocorreu foi sua persistência e obstinação. Ele não era de desanimar diante das primeiras dificuldades. Não desistia fácil, “má de jeito e maneira”, como diz o gaúcho. A começar pelo desbravamento das florestas ao chegar em Romelândia e constatar que praticamente só existia mato. Foi um dos pioneiros do município. Enfrentou intempéries, escassez de alimentos e de outras mercadorias, além de ferramentas e utensílios. Tudo era longe. Nada era fácil. O comércio e o moinho ficavam em São Miguel do Oeste, longe mais de 40 km, e, quando precisavam ir buscar as mercadorias ou a farinha, iam a pé. Claro, isso bem no início. Por diversas vezes, nosso pai e o Tio Bépi (José Perondi, seu irmão) foram a pé até o moinho que ficava em São Miguel do Oeste, levando o saco de milho nas costas.

Ele era obstinado por aprender sempre mais. Jamais foi de se acomodar. Era um verdadeiro autodidata. Para aprender mais, ele comprou um livro que serviu para que

os filhos aprendessem também, principalmente os mais velhos. O livro era “Admissão ao Ginásio”. Entre os livros famosos do pai havia um de aritmética. Ele usava para fazer contas. De vez em quando aparecia alguém lá em casa para o pai calcular juros, preços das vendas de porcos ou medição de roçadas. O pai era craque em fazer contas e calcular percentagens. Ele ficava decepcionado que na escola nós aprendíamos a matemática moderna com “x” e “y” e não aprendíamos a fazer contas. Outro livro importante era a História Sagrada. Naquela época não se tinha Bíblia, e a gente se encantava lendo aquelas histórias. O Ildo gostava do Sansão e ficava imaginando seus cabelos longos e poderosos. Já a Zenair, filha mais velha, vivia lendo a história de José do Egito. Além de aprender sempre, ele também gostava de ensinar, de repassar aos outros o pouco conhecimento que ia adquirindo. Tanto é que foi professor primário na escola de Linha Esperança e também professor do MOBREAL. Muitos jovens daquela época aprenderam a fazer contas assistindo as aulas do MOBREAL ministradas pelo Seu Caetano.

Outra marca que ele nos deixou foi sua visão de futuro. Sempre dizia aos filhos que preferia que estudassem ao invés de adquirir terras, como faziam quase todas as famílias do lugar. Ele incentivava os estudos. Assim, os dez filhos tiveram a oportunidade de estudar, não sem dificuldades, é claro. Os mais velhos fizeram, a pé, o trajeto da Linha Esperança até a cidade de Romelândia para cursarem o ginásio e o segundo grau. Não havia transporte escolar, o máximo que se conseguia era ir a cavalo algumas vezes, mas nem todos, pois só tinha vaga para outro na garupa...

Seu Caetano gostava de estar sempre atualizado em relação aos acontecimentos no Brasil e no mundo. Sua fonte de informação era a Rádio Guaíba de Porto Alegre e jornais usados que ele trazia de suas viagens a São Miguel do Oeste. Ficávamos dias lendo notícias dos jornais. Não importava se eram notícias “já velhas”, como se diz hoje em dia. Na época, as coisas aconteciam mais devagar. Se aparecesse alguma autoridade no município, ele largava a enxada e se mandava para a cidade. Procurava sempre saber das últimas e também ficava ouvindo as autoridades “contar vantagens”.

A máquina de escrever, marca Olivetti, era um sucesso naquele tempo. Nosso pai comprou uma para que pudéssemos treinar a datilografia. Era joia rara isso de ter uma máquina de escrever em casa... E o dicionário? Pois é, ele também comprou um dicionário para que nós pudéssemos aprender novas palavras e também para ampliar o conhecimento das que surgiam nos jornais e no rádio. Está gravado na memória da maioria dos filhos o dia em que o filho Vanir chegou em casa da escola trazendo aquele livro enorme, quase um palmo de grossura, com a capa preta e escrito DICIONÁRIO com as letras prateadas. Ficamos até tarde da noite lendo os significados das palavras... Achávamos engraçado, por exemplo, ler o significado da palavra “polenta”.

Essa sua obstinação do Seu Caetano por buscar sempre progredir fez com que ele fosse lecionar, como foi dito acima. Foi professor de primário, em classe multisseriada em Linha Esperança.



Foto de 1966, com os alunos da Escola de Linha Esperança. Da esquerda para a direita no alto: Julita Dihel, Janete Belusso, Eloides Marmitt, Sidonia Kopz, Celita Schpieger, Ildo Perondi (filho), Darci Perondi, Danilo Dihel, Gentil Menon, Seu Caetano Perondi, Célia Nunes da Silva, Sirlei Eidelwein, Ilza Perghimann, Célia Maders, Margarete Nunes da Silva, Oraides Rachor, Élio Kopz, Helmut Maders, Jandir Perondi, Nelvo Rachor, Valdemar Menon, Zilda Kopz, Dalírio Dihel, Eloir de Lima, Roque Marmitt, Olavo Perondi (filho), Laírio (Pingo) Eidelwein, Eleotério Eidelwein, Domingos Perondi, Anselmo Henzel, Vanir Perondi (filho) e Pedro Valdir Eidelwein.

Também fez um extenso curso de preparação para Ministro da Eucaristia, em que além das questões religiosas, aprendeu a fazer a famosa “Análise de Conjuntura”. Naquela época, para ser Ministro da Eucaristia tinha que fazer uma preparação bem profunda. As aulas e palestras eram preparadas pela equipe da Diocese de Chapecó, onde

o Bispo era Dom José Gomes, de quem nosso pai se tornou seguidor incondicional. Esta sua determinação de buscar sempre a justiça e os direitos de cidadania, fez com que se engajasse nos movimentos sociais e passou a fazer parte do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Romelândia, do Grupo dos Idosos e, por último, uma de suas bandeiras foi a instalação, em Romelândia, do Conselho Municipal dos Idosos. Gostava de falar sobre os “Direitos dos Idosos”, como ele dizia.

Essa lição de vida, essa busca por informações e coragem para enfrentar o desconhecido é que nos impulsionou a também buscarmos novos horizontes e sairmos da acomodação. É isso que se pretende registrar para a posteridade. Seu Caetano foi, acima de tudo, um lutador com garra, persistência e obstinação.

6.2 Memórias e Ensinos – *Ágis Codágis*

Era 1977, naquele ano um dos filhos, o Olavo, foi estudar no seminário dos Freis Franciscanos Capuchinhos em Irati, no Paraná. Foi junto com ele o Helmut Maders, mais conhecido como Juca, filho do falecido Arnaldo Maders, que tinha uma bodega na Linha Esperança. Quando voltou de férias, o Olavo ficava falando uma famosa frase que o diretor do seminário, Frei Adelino Frigo, vivia repetindo aos seminaristas. Na verdade, a frase em latim era: *Age quod agis...*, mas os seminaristas diziam *ágis codágis*, que quer dizer mais ou menos o seguinte: quando for fazer algo, faça bem feito... Esse ensinamento, que era repassado constantemente no seminário, já era prática con-

sagrada do seu Caetano. Tudo o que ele fazia, procurava fazer no capricho, fazer bem-acabado, “bem do tipo”, como repetia sempre. Ao fazer um cabo de enxada, cabo de martelo, de foice ou de machado, ele era detalhista, fazia com esmero e cuidado. Procurava as melhores madeiras e fazia os melhores acabamentos, utilizando a grosa, que nós chamávamos de “raspa”. Ficava horas alisando e lixando os cabos para ficarem bem lisinhos. Se fosse fazer um canzil ou canga para os bois, era a mesma preocupação de fazer bem feito. Fazia também as gamelas, nas quais nós lavávamos as mãos; havia outra para lavar os pés.

Aqui vale incluir um depoimento do filho Vanir que acompanhava o pai nas atividades de marcenaria:

“Com relação ao seu Caetano, além de ser uma pessoa sempre atualizada e por dentro das notícias e tudo mais, era quase um marceneiro, pois sabia fazer tudo o que era relacionado às ferramentas, como por exemplo: cabos de foice, enxada, pá, etc., também fazia quase todas as peças do arado e da carroça. Então, quando quebrava alguma peça os moradores dos arredores procuravam um marceneiro na cidade para fazer, sendo que o seu Caetano as fabricava mesmo. Também o seu Caetano sabia trabalhar em construção de madeira como: casas, galpões, chiqueiros, etc. Mas acho que o que eu gostava era que o pai (Seu Caetano) sabia fazer apitos para chamar inambu (as faladas “galinetas”).

Uma vez, num dia de chuva ele se meteu a fazer um banco, desses para as pessoas se sentarem. Afinal numa família com 10 filhos não tinha cadeira que chegasse. Bom, esse banco demorou um bocado para ficar pronto, mas a verdade é que ainda hoje ele existe. Foi feito com cuidado.

As peças foram bem-encaixadas, e ficou bem lisinho, de modo que proporcionou muitos momentos de convivência.

Nas lutas do dia a dia, nos diversos trabalhos sempre procurava fazer bem-feitas as coisas e repassava esse ensinamento aos filhos. Assim era também na lida da roça, ao se fazer uma capinada, coisa que hoje em dia quase não se faz mais, ele exigia que se cortassem as brotações e os arbustos. Nada de deixar touceiras, como se via em lavouras de alguns agricultores do lugar.”

O que se deseja destacar, com essa sua preocupação de fazer tudo bem feito, é que os filhos levaram para suas vidas esse importante ensinamento. Nos estudos, sobretudo, foi importante ir sempre fundo nas análises dos textos e na busca por leituras complementares. Então, o *ágis codágis* ou corretamente em latim *age quod agis* que tanto se ensinava no seminário, era um *modus operandi* do Seu Caetano.

6.3 Os animais

“... Eu gostava do meu Cusco,
Com ele me dava bem.
Dizem que bicho não tem alma
Mas... quem fez maldade com ele, tem???”

(Odilon Ramos)

Esse trecho de uma música nativista gaúcha expressa bem o sentimento do Seu Caetano com os animais. São inúmeras as lembranças que temos relacionadas a diversos animais durante sua vida. Pitoco foi talvez o cão que mais marcou sua vida e a nossa. Por muitos anos foi seu

companheiro inseparável. Onde quer que Seu Caetano fosse, o Pitoco ia atrás. Parecia sua sombra. Um olhar entre eles bastava para definir qual era o próximo passo. Parece que ainda hoje vemos nosso pai carregando um balaio de mandioca nas costas acompanhado do Pitoco. Outra criatura que marcou muito a vida da nossa família foi a Doguinha. Cadela branca, esbelta, brincalhona e companheira. Essa cadela marcou muito a vida de Antoninho, Laudir, Zilmar e Valci, pois foi no período em que eles estavam na labuta que ela viveu. Ela gostava de passear na carroça. Ia sempre junto com os guris, quando o assunto era buscar alguma carga de milho, pasto ou outra coisa.

Muitos animais de estimação marcaram a passagem do Seu Caetano, mas vale destacar a junta de bois, o Estrelo e o Campeiro. Todos os filhos e a mãe Gema se recordam do Estrelo. Boi bonito, tinha uma manchinha branca na frente que parecia o desenho de uma estrela, daí o nome. Estrelo era forte, manso, equilibrado e dócil. Tinha o pelo bem-lustroso e as patas grossas. Aguentava o repuxo, como se dizia na roça... Já o Campeiro, também de pelo preto, era esbelto, ligeiro, agitado e muito bonito também. Suas guampas eram retorcidas, faziam uma espécie de anel, e ele também tinha uma mancha branca na cabeça. Os dois se completavam e formaram uma excelente junta de bois. Quanta saudade! Parece que se ouve ainda hoje nos peraus e nas coxilhas a voz do Seu Caetano: “Ôôô Estrelo...Vem Campeiro...”

Ainda falando em animais, não se pode deixar de mencionar o famoso cavalo Baio, um pangaré bem do tipo. Esse petiço deu muito o que falar. No tempo da nossa infância,

aconteciam na região e em Romelândia, as famosas carreiras de cavalos, normalmente aos domingos. Nas carreiradas mais importantes participavam cavalos competidores até do Rio Grande do Sul. O cavalo a ser batido, que ganhava todas as corridas mais importantes era o Cabeça Seca. O nome “Cabeça Seca” era porque o cavalo tinha a cabeça bem fina... Os mais antigos moradores do município certamente se lembram bem do Cabeça Seca. Pois bem, para acabar com a festa e destronar esse animal, trouxeram certa vez um cavalo lá de Caiçara, Rio Grande do Sul.

Mas, voltando às carreiras, quando aconteciam as disputas mais grandiosas, a programação iniciava com competições ainda pela manhã, aos domingos. Os competidores mais lentos, chamados de matungos, corriam mais cedo. Faziam as chamadas preliminares. Era comum os vizinhos apostarem corridas envolvendo seus cavalos. Tinha o Zaino, cavalo do Seu Bépi (José Perondi), pai do Pedro Paulo, que era o campeão da matungada. Só muitos anos mais tarde foi descoberto que nos dias que antecediam as corridas, Tio Bépi tratava seu cavalo com alfafa, o que proporcionava um melhor desempenho...

O que nos interessa aqui é a história de uma vez que nosso pai apostou uma corrida envolvendo nosso Baio contra a égua vermelha do Seu Afonso Rachor. Em matéria de corridas de cavalos, o peso do condutor conta muito. Como era sabido por todos, a égua seria conduzida pelo filho mais velho do Afonso Rachor, Seu Nelvo (infelizmente já falecido), que era um tanto pesado. Seu Caetano optou por escalar seu filho Olavo, então com seis anos de idade, bem franzino, para conduzir o Baio.

A tática deu certo, e o Baio ganhou uma, pelo menos, e o filho até hoje lembra aquele dia, em que passou muito medo, mas sente orgulho de ter vencido uma carreira.

Naquele mesmo domingo aconteceu um fato muito marcante na corrida principal. O cavalo conduzido pelo Joceli Nunes da Silva, filho do Seu Norberto, então com 7 anos, disparou e o menino não conseguiu mais segurá-lo. O cavalo percorreu toda a cancha de corrida e se enveredou rumo à cidade de Romelândia, onde foi seguro por alguns cidadãos. Os gritos de desespero da mãe do menino ressoam até hoje nas canchadas do Rio Primeira, que era onde ficava a cancha de corrida. No caso, nas terras do Seu Honório Picinin, lá pelos lados das terras do Seu Alfredo Gubert. Foi um fato que marcou muito aquele. Como consequência, as corridas foram ficando cada vez mais raras, e nada de colocar crianças para conduzir os cavalos.

6.4 Reza do Terço

Se tem algo que ficou marcado na memória de toda a família, foi a Reza do Terço em Família. Todas as noites, exceto aos domingos, porque tinha reza na comunidade, antes de irmos para a cama, havia o costume da Reza do Terço. Seu Caetano era quem puxava as Ave-Maria e os Pai-Nosso. Todos se ajoelhavam em círculos e se apoiavam nas cadeiras ou nos bancos. Não era raro constatar que já no primeiro Mistério havia gente dormindo, apoiado na cadeira... Os que dormiam ajoelhados no banco eram os campeões das famosas “pescadas”, que quase terminavam em torcicolos.

Seu Caetano, como era sábio, percebeu que após um dia de atividades intensas, da lida na roça, da luta com a criação e de um joguinho de bola no potreiro, ao escurecer, a turma estava cansada, de modo que com o tempo, a reza foi encurtada. Os Mistérios passaram a ter 5 Ave-Maria cada um, ao invés das 10 Ave-Maria como é usual, mas a tradição continuou. Após a conclusão do Terço havia a Ladainha de Nossa Senhora. Quem não se lembra das famosas preces: “Mãe Amável, rogai por nós”, “Mãe Admirável... Mãe Intacta...”. Demorou muito para entendermos o sentido da Mãe Intacta. Quando pequenos essa saudação nos remetia à Tata, presença constante e carinhosa nas famílias italianas, essa Tata!!! Independente do cansaço e das dormidas, ficaram uma lembrança e uma imagem bonita da infância que vivemos na casa dos pais, quando nos reuníamos para rezar. Mais do que a reza em si, o que vale é o gesto de se reunir e rezar – “Família que reza unida permanece unida”.

Ainda resgatando a parte da religiosidade da família, não se pode deixar de citar as rezas que antecediavam as refeições. Seu Caetano sempre puxava o “Ângelus”. Como é doce lembrar do Seu Caetano que dizia: “O Anjo do Senhor anunciou à Maria...”. Todos respondiam: “Ela concebeu do Espírito Santo...”. Ninguém se sentava à mesa antes das orações. Que belo exemplo, e quanta saudade daqueles tempos!

Na época da Quaresma, toda sexta-feira à noite era a vez da celebração da Via Sacra, na Capela da Linha Esperança, para onde acorria toda a comunidade. A Via Sacra acontecia à noite, e era uma época de muita piedade e arrependimento dos pecados. Parece que ainda hoje se ouve

o eco da proclamação das estações da Via Sacra com as belas reflexões. Quem não se lembra do Ministro da Eucaristia, Seu Caetano, proclamar sonoramente: “Pilatos condenou Jesus uma só vez, e nós o condenamos cada vez que cometemos o pecado mortal”. Aquilo dava o que pensar...

Outra bela lembrança da infância, que remete à piedade e que envolve nosso pai, é a reza do Terço em família, quando chegava a Capelinha de Nossa Senhora. As famílias vizinhas se reuniam e, após prosearem e colocarem as conversas em dia, iniciavam a reza do Terço. Para a criançada, era uma festa, pois aconteciam as brincadeiras infantis. Nas noites de lua cheia, então, era muito bom. Os jovens aproveitavam a ocasião para se aventurarem em uma paquera, embora o resultado prático dessas tentativas tenha sido praticamente nulo...

Mas nada deixou mais saudade e boas recordações do que a festa do Natal. Como esperávamos o Natal! E como demorava para chegar o próximo Natal. Parecia uma eternidade. No Natal tinha muita coisa boa. Na capela da comunidade, desde pequenos ajudávamos a preparar o Presépio e participávamos das novenas preparatórias, que eram bem legais. A mãe Gema começava a fazer as bolachinhas coloridas com antecedência de uns 20 dias... Quando a festa se aproximava, ela fazia as cucas e as tortas. Na noite de Natal, o pai falava que os presentes eram trazidos pelo *Bambin Gesù* (Menino Jesus), que era a versão não tão econômica do atual Papai Noel. O *Bambin* era uma figura mais espiritualizada e afável. Nosso pai dizia que ele vinha montado em um cavalinho... Por isso, quando éramos pequeninos e bem inocentes, ele nos incentivava a deixar umas espigas de

milho verde na janela para o cavalinho do *Bambin*. Aí, para dar um ar de credibilidade, o próprio pai, escondido de nós, mastigava as espigas (ainda verdes) do milho e, na manhã de Natal, nos mostrava. Claro que essa história durou poucos anos. Quando os filhos cresceram, descobriram a “farsa”.

Não dá para esquecer os presentes de Natal. Como aguardávamos pelos presentes! Sabíamos que não era muita coisa, mas pelo menos era algo diferente. Depois que os filhos iam dormir, o pai e a mãe colocavam bombons e doces nos pratos dispostos em cima da mesa de jantar. Normalmente eram doces diferentes, espécie de bombons que só víamos no Natal. O pai deveria comprar em São Miguel do Oeste. Era lá, na cidade grande que tinha essas regalias. O que anunciava a proximidade do Natal era a famosa musiquinha do comercial das Casas Pernambucanas tocada nas rádios. Dizia mais ou menos isso: “Dezembro, mês do Natal, os presentes mais bonitos, as lembranças mais humanas...”. Como era bom o Natal!!!

6.5 Retrato da família – “Olha o Passarinho...”

Duvido que alguém da família tenha esquecido essa singular exclamação do senhor Silvestre, mais conhecido como Meio Quilo, por conta de sua pequena estatura e por ser bem magrinho. Era ele o único fotógrafo do município.

Era uma tarde nublada aquela, bem diferente das demais, pois todos estavam agitados e excitados para o tão sonhado momento do “retrato da família”. O fotógrafo veio até nossa casa para registrar um momento que se eternizou por meio da fotografia. Tirar fotografia não era pou-

ca coisa, não era algo corriqueiro, não era qualquer fato. Era, sim, um acontecimento! Naquela tarde ninguém foi para a roça. Todos tomaram banho, pentearam o cabelo, vestiram as melhores roupas, isto é, a piazada vestiu a camisa branca que era o uniforme da escola. Só o Ildo, mais velho, é que tinha uma camisa “volta ao mundo”, muito famosa, e que precedeu as camisas de *nylon* que vieram depois. Todos então se posicionaram solenemente em ordem de idade. Como era usual, o pai e a mãe ficaram sentados em cadeiras. Toda essa cerimônia de perfilhamento foi cuidadosamente dirigida pelo seu Silvestre.

Tudo pronto? Todos a postos? Então o fotógrafo se afastou e solenemente disparou a célebre frase: “Olha o passarinho!!!” E *clíc!* Estava feita a foto. Uma mísera foto... Não podia ter tirado mais alguma? Não. Só uma. Bom, depois veio a ansiedade para ver o resultado. As fotos, somente em preto e branco, eram reveladas no município de São Miguel do Oeste, de modo que tivemos que esperar uma semana para ver o resultado, que se materializou através do semblante dos familiares, conforme abaixo.



De pé (da esquerda para a direita): Laudir, Zenair, Ildo,
Antoninho, Vanir, Olavo e Zilmar.

Pai, Valci, Noemi, Mãe e Denise (no colo).

Foto tirada no dia 18/01/1972, pelo Silvestre.

Após esse evento importante, os filhos aos poucos começaram a sair de casa para estudar e trabalhar. A primeira a deixar a casa paterna foi a Zenair, primogênita da família, que foi estudar no município de Maravilha. O próximo a sair foi o Ildo, para trabalhar primeiro no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Romelândia e posteriormente na ACARESC. Depois foi a vez do Vanir deixar a família, e assim por diante...

6.6 Caramelos

Nós, os filhos, já sabíamos quando estávamos na lavoura, lá pelas 4 horas da tarde, Seu Caetano dava uma olhada no tempo. Reparava a trajetória das nuvens, a direção do vento para ver se vinha chuva. Se fosse chover, todos iam para casa, mas se o tempo estava firme ele pronunciava a famosa frase no dialeto italiano que já sabíamos de cor: *Vado a Romelandia e voi altri degue rento...* que, traduzindo, quer dizer: “Vou à Romelândia, e vocês continuam trabalhando...”. Ele gostava de saber das novidades e de ficar informado sobre as últimas notícias da cidade e da região. Para os filhos, essa era uma boa decisão por duas razões. Primeiro, porque tínhamos certeza de que na volta para casa, à noite, ele traria os famosos caramelos. Assim eram chamadas as balas ou doces. Nunca deixou de trazer os caramelos. Isso era sagrado. Eles ficavam nos bolsos fundos das calças sociais, e, pelo volume ressaltado, ao entrar dentro de casa, já sabíamos que as balas tinham chegado. Seu Caetano gostava de fazer um suspense e não distribuía imediatamente os caramelos. Aí nós, os irmãos, escalávamos o irmão menorzinho que se dirigia ao pai e começava um ritual de apalpamento em busca das regalias. Essa cena era sagrada, e como foi marcante! Que saudade! Como é bom relembrar esses momentos...

A segunda questão que nos agradava, quando nosso pai nos deixava trabalhando e rumava para a cidade, é que rapidamente nós organizávamos brincadeiras saudáveis e que desenvolviam nosso cérebro, bem como aumentavam nosso conhecimento. As brincadeiras consistiam em dizer,

enquanto trabalhávamos, normalmente com a enxada, ou arrancando inço com as mãos, nomes de países e suas respectivas capitais. Para saber mais que os outros, a gente buscava descobrir novos países e suas capitais. Lembro que foi numa dessas brincadeiras que alguém apareceu com o país africano de nome Etiópia, cuja capital é Adis Abeba, muito falado na época por conta da forte fome que assolava aquele país... Como são as coisas! Muitos anos mais tarde, um dos filhos, o Frei Ildo, esteve na Etiópia e nos relatou muitos fatos curiosos daquele povo.

Outra brincadeira de que gostávamos era de dizer nomes de cidades, animais ou árvores que começavam com determinada letra do alfabeto. Exemplo: cidade que começa com a letra “S” – Pronto, essa era fácil: Sananduva, cidade de origem do pai e da mãe. E assim por diante. Foi por conta dessas brincadeiras que os filhos desenvolveram raciocínio rápido e facilidade em memorizar nomes de cidades e países.

6.7 Jogo do quatrilha – *Fogo al botchin...*

Fogo al botchin era uma expressão do jogo de bochas. Ou seja: “acerte o *botchim*”. Essa expressão característica dos moradores mais antigos de Romelândia ficou gravada na nossa memória. E que passou para o jogo de quatrilha. Ou seja: “manda ver!” O jogo de quatrilha era um costume muito bonito. Aos sábados à noite, nosso pai, o Tio Bépi, o Guerino Menon (o mais animado da turma), o Alfredo Gubert, Idalino Belusso e outros vizinhos, de origem italiana, se reuniam uma vez em cada casa para jogar quatrilha,

um típico jogo de cartas de costume dos italianos. Antes do jogo, a família que recebia os convidados preparava uma galinhada ou um “brodo” (caldo de galinha) bem saboroso. Para acompanhar, um garrafão de vinho tinto e aquele maravilhoso pão caseiro... Esses momentos eram sagrados. O que menos importava era o jogo, as pessoas queriam mesmo era contar as últimas, lembrar dos “causos” de antigamente, quase sempre de origem rio-grandense. Também gostavam de relembrar as aventuras dos primeiros anos. As aventuras nas matas, as pescarias, que sempre eram valorizadas e aumentadas...

Para nós, o que fica é a lembrança de que alguns irmãos iam junto com o pai quando o jogo era na casa dos vizinhos. No começo da noite era comilança, e era prazeroso ouvir as histórias e os causos, mas, depois que a jogatina começava, era um martírio. O sono vinha com tudo, e a gente ficava sentado na cadeira ou em banco, e o sono vinha ferrado. Não se tinha o costume de colocar um cobertor no chão para dormir. O negócio era dar as famosas “pescadas” que quase desnucavam o pescoço... Conta-se que, numa dessas vezes, o jogo foi lá no Seu Bepeta Belusso, que era uma pessoa de quem a gente gostava muito. Um dos filhos do Bepeta estava dando tanto dessas “pescadas” que a mãe dele falou: *Tozzo, va in leto che te se finiu*. Traduzindo, quer dizer: “Rapaz, vai dormir que tu estás acabado...”.

Enfim, como era agradável e sadio esse costume dos vizinhos se reunirem para as carteadas e pôr em dia as notícias. Sem contar as trapaças que o jogo do quatrilha possibilita. Quem conhece o jogo sabe que ganha o mais esperto. Não tem parceiro fixo. Depende das cartas. Se um vivente

tiver cartas boas, pode solicitar uma melhor ainda de algum jogador da mesa e jogar contra os três outros, o famoso “solo”. Se o cara ganhava, enchia o pote, se perdia, pagava caro. Era bonito ver muitos jogadores se aventurarem e “levarem na cabeça”. Mas tudo dentro de um clima de fraternidade e num ambiente bem gostoso.

Mais tarde, o quatrilha foi se tornando menos influente. Veio a canastra e o truco, jogados lá no salão da comunidade. No sábado e no domingo à tarde, o pai não se aguentava se não tivesse uma boa mesa de cartas. Não era vício, e o pai nunca jogava por dinheiro. Jogava-se por uma cerveja. E assim se passavam as tardes. Não era só jogo, era companhia, conversa entre amigos. E aqui também vale a pena recordar de alguns companheiros: Deonildo Perondi, Idalino e Guinho Belusso, Danilo Dihel, Verno Schuster, Décio Ott, Priminho Belusso, os irmãos Zanfonatto e tantos outros.

6.8 Surpresa de aniversário

Aquele dia 19 de dezembro tinha tudo para ser esquecido de uma vez... Ninguém, durante todo o dia, mencionou o aniversário do Seu Caetano... Já tinha escurecido quando se ouviu ao longe na escuridão da noite: “Ôdi casa!!!”. Pronto, a cachorrada fez um furdução, e começaram a surgir na escuridão diversos amigos e vizinhos do pai. Os visitantes foram logo cantando os “Parabéns” e fazendo uma algazarra danada. Polaco, que era o líder organizador da “surpresa”, como era chamada a manifestação, foi logo dizendo que tinham uma suculenta carne para um churrasquinho, e a piazada do Caetano logo tratou de

fazer fogo. Papai ficou todo empolgado com a festa e foi logo dizendo: “Bom, já que vocês trouxeram a carne, então a cerveja é por minha conta.”

Antes, que ele mudasse de ideia, o pessoal logo foi buscar as bebidas no Salão da Comunidade. É claro que a chave do salão já tinha sido providenciada. Trouxeram cervejas e refrigerantes, pois algumas mulheres também participaram da festinha, além da criançada do Caetano. O aniversário que parecia passar em branco acabou sendo um dos mais marcantes na vida do nosso pai. Por muitos anos ele se lembrava desse acontecimento.

No dia seguinte, ainda meio atordoado em consequência da festança, ele, como sempre sucedia, foi tratar a criação. Ao levar ração aos suínos, percebeu a falta de um porquinho bem-gordinho, o qual há algum tempo estava sendo observado, com segundas intenções. Voltou para casa e, preocupado, indagou aos familiares se alguém sabia de algo a respeito do animal. Qual não foi a surpresa quando a filha Noemi lhe disse que, ao anoitecer do dia anterior, enquanto o pai estava na cidade, alguns dos ilustres participantes da “surpresa”, em conluio com os filhos e a mãe, tinham feito o serviço com o porquinho que havia virado churrasco. No ato, o aniversariante ficou muito bravo, mas logo foi se acalmando e, no fundo, gostou muito da aventura, que demonstrou a amizade e o carinho dos amigos e vizinhos. Esse fato o Seu Caetano sempre gostava de repetir quando os filhos vinham de férias, anos mais tarde. O dia 19 de dezembro era sempre muito festejado, talvez por ser uma data muito próxima ao Natal e porque nessa época alguns dos filhos já voltavam das férias.

6.9 Emoções marcantes

Conhecendo as Cataratas. Momento especial e de muita emoção foi o passeio de carro de Romelândia a Foz do Iguaçu, no Paraná. Seu Caetano e a Gema foram com um dos filhos conhecer uma das sete maravilhas do mundo que são as Cataratas do Iguaçu. Ele não parava de admirar as quedas d'água. Queria contar todas, mas era impossível... Também curtiu muito a neblina que banhava os turistas que se aproximavam das quedas maiores.



Seu Caetano e Dona Gema nas Cataratas de Foz do Iguaçu.

Um fato pitoresco daquela viagem foi uma tirada do nosso pai quando foram almoçar em uma churrascaria bem tradicional em Foz do Iguaçu. Já eram umas 13 horas quando voltaram do Parque Iguaçu, e todos estavam famintos. Aquela costela reboqueando na churrasqueira era um convite sem igual para se atracar na comilança. Seu Caetano, como gostava de um traguinho, para justificar a pedida, chamou o garçom e se saiu com essa: “Traga uma cachacinha das boas que é pra abrir o apetite!”

Viagem de avião. Essa foi outra aventura que Seu Caetano vivenciou. Ele, que só conhecia os aviões “teco-teco” que cruzavam o céu de Romelândia de vez em quando e somente via os aviões a Jato na TV, ficava sempre pensando como poderia um negócio tão grande e tão pesado voar. Até que enfim chegou o dia. Uma viagem curta, mas importante e inesquecível, tanto para o pai quanto para a mãe. Foi uma viagem de Chapecó a Florianópolis, onde eles foram passear e conhecer o mar.



Seu Caetano (de camisa verde) e Dona Gema (de rosa) desembarcando em Florianópolis.

O filho Laudir levou o pai e a mãe até o aeroporto de Chapecó e os acompanhou até a entrada da sala de embarque. O filho não se esquece do drama que foi convencer Seu Caetano a tirar o chapéu para entrar no avião. Ao chegar no aeroporto de Florianópolis, Seu Caetano não se continha de entusiasmo e comoção. Ele não parava de comentar sobre o voo. Todos os detalhes, desde a entrada no avião em Chapecó, até a aterrissagem em Florianópolis, passando pelas turbulências ao cruzar a Serra do Mar. As aeromoças foram muito amáveis com eles, até permitiram uma visita à cabine, onde o piloto explicou o funcionamento de alguns daqueles milhares de botões que existem lá. A única observação do piloto, no caso, foi solicitar que o pai falasse um pouco mais baixo... Bom, quem conheceu Seu Caetano sabe do que se está falando. Como rendeu aquela viagem! Por muito tempo, ele tinha assunto com os companheiros de canastra, nos sábados e nos domingos à tarde na bodega do salão da Linha Esperança.



Primeiro contato com o mar em Florianópolis.

Sempre é interessante observar a reação das pessoas quando do seu primeiro contato com o mar. Se for pessoa

com mais idade, então, é comovente. Quem puder fazer essa experiência verá que cenas inesquecíveis acontecem nessas horas. Com Seu Caetano e Dona Gema não foi diferente. Quando viu o mar de perto e sentiu o gosto salgado das águas do mar, ele parecia uma criança. Foi emocionante. Essa experiência ele vivenciou em Florianópolis. A experiência foi na praia da Joaquina, lugar de mar aberto, onde se perde de vista a imensidão das águas. Ele ficou por mais de cinco minutos sem proferir uma palavra sequer, só queria olhar... só contemplar... Naquele momento, se houvesse alguma palavra, certamente diminuiria o sentido da emoção e do deslumbramento. Após esse primeiro encontro, aconteceram outras experiências maravilhosas com o mar.

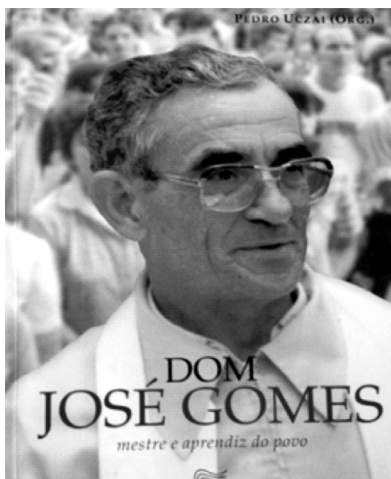
Vale destacar o banho gostoso nas águas quentes da praia dos Ingleses. O pai e a mãe juntos. O pai segurava a mão da mãe, como se tivesse medo que a onda a levasse... Que cena linda!

6.10 Personalidades/Figuras/Pessoas

Como dizia o filósofo Skinner: “O homem é ele e suas circunstâncias”. Desse modo, convém destacar algumas pessoas que marcaram profundamente a vida do nosso pai e a nossa também.

Dom José Gomes: Quem mais marcou a vida do Seu Caetano foi, sem dúvidas, Dom José Gomes, Bispo da Diocese de Chapecó. A admiração pela vida e obra de Dom José teve início quando o pai fez o curso de preparação para ser Ministro da Eucaristia. Aquela era uma época de efer-

vescência política e muitas disputas no campo ideológico. A Teologia da Libertação estava na ordem do dia, e Dom José era um dos seus expoentes. Já Seu Caetano era adepto convicto. No leito de dores, quando estava enfermo, nosso pai sempre se lembrava de passagens e exemplos de Dom José Gomes. Tinha um livro que contava a vida e a obra de Dom José, o qual sempre trazia consigo. Era tanta a identificação que a passagem do nosso pai aconteceu na mesma data da morte de Dom José Gomes, dia 19 de setembro.



Capa do livro que conta a história de Dom José Gomes.

Maria Filomena: Nosso Pai sempre demonstrou uma grande admiração pela professora Filomena. Ele vivia dizendo para nós, os filhos, que sempre devíamos ouvir e seguir os conselhos dela, pois eram apropriados e sábios. Não só os filhos, mas também os netos foram positivamente influenciados por ela. Certa vez, o Paulo Roberto, filho do Vanir e da Doralice, estava de férias em Romelândia e foi junto com o Olavo fazer uma visita de cortesia lá no Colé-

gio Estadual Hermínio Heusi da Silva. Lá todos nós estudamos, e a Professora Filomena os recebeu com tanta cordialidade e alegria que na saída os comentários eram sobre a grande generosidade dessa professora que influenciou a vida de praticamente todos os filhos de Romelândia. Seu Caetano sempre gostava de conversar e debater com a Professora Filomena mesmo que nem sempre os dois pensassem do mesmo modo. Mas só o fato de dialogar e argumentar era visto por nós como um excelente aprendizado. Ainda hoje Professora Filomena continua influenciando pessoas e apoiando os alunos que por lá estudam.

Sílvio Michels: Outra pessoa que marcou muito a vida do Seu Caetano foi o Professor Sílvio Michels, nem tanto pelas suas ideias, mas muito mais pelas provocações intelectuais e pelos diálogos acirrados e pelas boas discussões que ambos proporcionavam. Professor Sílvio sempre foi muito culto e atualizado. Esse era o motivo para o Seu Caetano também buscar mais informações e atualizações sobre os acontecimentos no Brasil e no Mundo. Além do pai, Seu Sílvio influenciou também os filhos que ouviam as considerações do professor e depois comentavam entre si e procuravam aprofundar os assuntos por meio de leituras e dos livros que ele indicava para ler.

Pedro Paulo: Filho do Tio José Perondi, irmão do Seu Caetano, também influenciou em muito a vida e o saber do Seu Caetano. Na juventude, nosso primo era muito influenciado pela rádio Havana de Cuba, que transmitia o programa “A Voz da América”. Naquela época era uma rádio clandestina, devido ao regime militar, mas não se sabe por que,

Pedro Paulo conseguia sintonizar a rádio. Ele vinha toda semana na nossa casa e ficava horas conversando com nosso pai sobre os acontecimentos da época. A Revolução Cubana aconteceu em 1959, então nessa época o socialismo cubano estava em efervescência, e havia o boicote dos Estados Unidos. Bom, notícias não faltavam. Eram as primeiras sementes da esquerda sendo implantadas na nossa família. Ao contrário de muitos moradores da cidade, nós gostávamos das bandeiras da esquerda. Essas sementes germinaram mais tarde em contato com as pregações de Dom José Gomes. Além do Pedro Paulo, nós gostávamos muito das irmãs dele, nossas primas, a Ivone e a Iracema.

Rudi Henzel: Como é bom lembrar dos amigos do Seu Caetano! Dentre eles, um dos mais queridos é o Rudi Henzel. Quantas boas lembranças e quantas cervejas esses dois seres humanos tomaram juntos, sempre “jogando conversa fora...”. Aliás, é oportuno lembrar que o Sr. Rudi fez parte da turma que fez a “surpresa” de aniversário do Caetano, relatada anteriormente. Além do Rudi, vale lembrar também do Polaco, casado com a Iloni Henzel, irmã do Rudi. Polaco não existe outro igual!!! Sujeito bom demais da conta, como dizem os mineiros. Coube ao Polaco a façanha da providência do churrasco, na festa “surpresa” de aniversário já citado.

Anselmo Pimel: Se tem uma pessoa que marcou nossa infância e juventude foi o Anselmo Pimel. Embora controverso, ele foi singular. Era uma pessoa à frente do seu tempo. Bom jogador de futebol, passava horas na nossa casa dando aula de cabeceio, nas quais o Vanir se desta-

cou... A bola era o fruto de lima, ainda verde. Eram tantas cabeceadas que, ao final do exercício, sobravam bolhas na cabeça dos guris. Ele também foi Ministro da Eucaristia na Comunidade de Esperança. Parece que ainda hoje se ouve, após a distribuição da Santa Comunhão, o Ministro Pimel cantando: “Estou pensando em Deus... Estou pensando no Amor...”, com os olhos fechados em direção ao infinito.

Tio Bépi (José Perondi): Irmão mais velho do Seu Caetano personalizou a palavra “Tio”. O mais querido. Gostávamos de ir lá no Tio Bépi. Ele e o Pai vieram juntos de Sananduva, Rio Grande do Sul, para abrir clareiras nas matas da Linha Esperança. Além de irmãos, eles eram amigos inseparáveis. Uma das lembranças mais gostosas era de levar um pedaço de carne fresca na casa do Tio Bépi quando nosso Pai abatia um suíno. Era uma disputa, pois todos queriam visitar o Tio Bépi, que era casado com a Tia Maria, que fazia a função de parteira e que acompanhou o parto caseiro de muitos de nós. Outro tio, o Ermindo, mais conhecido como *Zio Nini*, também marcou muito nossas vidas. Ele morava longe e somente nos visitava de vez em quando, mas era bom ouvir as histórias que ele contava.

Idalino Belusso: Tanto Seu Idalino como sua falecida esposa, Senhora Armida, sempre tiveram um lugar especial na estima do Seu Caetano. Tanto é que os filhos e a mãe têm uma grande admiração e uma forte amizade com Seu Idalino, o filho Guinho e a Ceni, sua esposa. Dá gosto visitar e prostrar com eles. Sempre que os filhos vêm de férias, dão um jeito de saborear um suculento churrasco lá na

casa deles. São gente boa, demais da conta. Nos últimos dias de vida do Seu Caetano, o apoio e as orações dessa família foram importantes para todos nós.

Gentil Menon: Desafio alguém a dizer que algum dia tenha visto o Gentil Menon de mau humor. Pois é, essa pessoa especial, que é Ministro da Eucaristia, era muito estimada pelo nosso pai. Foi por motivação e exemplo do Seu Caetano que ele decidiu ser ministro. Filho do seu Guerino e da Verônica, que era irmã da Tia Maria, esposa do Ti Bépi, Gentil foi um dos nossos melhores amigos na infância. Como era gostoso de vez em quando trocar de lugar para almoçar! Num domingo ele vinha almoçar na nossa casa. Em outro domingo um de nós, os mais velhos, é claro, ia almoçar na casa dele. Que saudades dos irmãos dele, o Maximino e o Valdemar, e das irmãs Lurdes, Salete, Maria e Graciema! Hoje o Gentil mora na Linha Sargento.

Nildo e Décio Ott: Esses dois irmãos foram grandes companheiros de luta e de muitas construções junto com Seu Caetano e os demais desbravadores do município de Romelândia. Seu Nildo, que infelizmente veio a falecer logo depois da morte do nosso pai, foi uma pessoa que se dedicou muito à comunidade de Linha Esperança. Ele cedeu a área para instalação do campo de futebol do time do Canarinho de Linha Esperança, onde todos os filhos jogaram futebol e puderam fazer amizades e conquistar títulos, pelo menos alguns, como o Laudir, Antoninho, Valci e Vanir, já que o Ildo, Olavo e Zilmar não foram jogadores brilhantes. Seu Décio Ott, irmão do Nildo, sempre tinha umas tiradas engraçadas. Uma vez, na comunidade de Esperan-

ça, naquele bate papo antes da Celebração Eucarística, ele se dirigiu ao Seu Caetano, pois naquela semana nosso pai estava de aniversário e, ao parabenizá-lo, se saiu com essa: “Quanto mais velho a gente vai ficando, mais ainda fica mais ligeiro. Quando é novo a pessoa tropica e sai andando e cambaleando uns dez passos até cair, mas quando fica velha, a pessoa tropica e já cai no primeiro passo. Viu, fica mais ligeira”.

Danilo Diehl, Verno Schuster e Juraci Zimmer: Grandes companheiros de canastra, da bocha e de trabalhos na comunidade de Linha Esperança. Sempre que era necessário fazer alguma melhoria, ou alguma construção, Seu Caetano sabia que podia contar com a ajuda e o compromisso desses três bravos amigos. Quantas histórias e quantos casos têm esses camaradas para contar sobre a história da Linha Esperança! Quantas festas e quantos bailes foram organizados e comandados por esses incansáveis lutadores e bons companheiros!

Deonildo Perondi, Benjamin Perondi e Orácio Furlin: Os três companheiros que marcaram muito a vida do Seu Caetano e também dos filhos. Quantas noites de “Filó” em que se contavam histórias principalmente de Sananduva, no Rio Grande do Sul, pois todos eram de lá. Foram pessoas que por muitos anos formavam a turma dos gringos. Também foram colaboradores e divertidos parceiros que estavam sempre prontos para ajudar nas atividades da comunidade. Quem não se lembra do Orácio Furlin, depois de uns tragos, cantar o sucesso da época: “Por que você não passa lá...”.

Família do Afonso Rachor: Não tem como nós filhos falarmos da nossa infância, da nossa história sem citar constantemente alguém dessa família. Nos primeiros anos era comum nossa família fazer roçadas junto com a família deles. Era bom, pois a gente sempre aproveitava para contar histórias e inventar umas “gauchadas”, como se dizia. Nós crescemos jogando bola juntos e praticando as famosas corridas de carretos, além de outras aventuras. Como era bom jogarmos canastra lá na casa deles e também fazer melado e açúcar mascavo. Saudades do Nelvo, que infelizmente faleceu precocemente. O Elói, o Lauri e o Arli foram grandes auxiliares do nosso pai na preparação das celebrações Eucarísticas e na Catequese.

Laurindo (Zizo) e Tide Heimburg: Pessoas que nosso pai estimava e com os quais tivemos e temos laços mais políticos. Foram muitas campanhas políticas e aventuras que fizemos. Até hoje lembramos os bons tempos em que fazíamos roças para ajudar o financiamento de campanhas. Na campanha eleitoral de 1989, o Tide estava construindo sua casa e pintou o logotipo do Lula na parede, bem grande. Aquilo ficou anos lá. O Zizo continua sua luta política, hoje em Xanxerê, onde desenvolve um belo trabalho junto aos Empregados Rurais.

Presidente Lula: Mas quem mais marcou a vida do Seu Caetano, certamente foi o Presidente Lula. Nosso pai era um fanático admirador do Lula. Além de fazer campanha e sempre votar nele, tinha orgulho do Petista e aplaudia as políticas sociais implantadas pelo Operário Presidente, tais como Fome Zero, Luz Para Todos, PAC, Mi-

nha Casa Minha Vida, Brasil Sorridente, Construção de Universidades e Escolas Técnicas Federais e por aí afora. Quando descobrimos que nosso pai estava acometido de um câncer, para motivá-lo, um dos filhos que trabalhava em Brasília conseguiu do Presidente Lula um autógrafo que ele enviou para Seu Caetano. Esse gesto do Presidente foi uma das melhores lembranças que se pode guardar do Seu Caetano. Em 2010 aconteceram as eleições para Presidente da República no Brasil. Lula lançou a candidata Dilma Rousseff para sucedê-lo. Em seu leito de dor, já bem debilitado confessou a alguns dos filhos que estavam lá com ele: “Bom, eu estou preparado, sei que não tenho cura e que a morte é questão de dias. A única coisa que lamento é não poder dar meu voto para a Dilma”. Um dos filhos o consolou e garantiu que iria trabalhar para reverter um voto, que seria do Serra, para a Dilma. Bom, como todos sabem Dilma foi eleita... e Seu Caetano descansa em paz.

6.11 Expressões

Quem conheceu Seu Caetano lembra de sua fala fácil, de suas curiosidades sobre os diversos temas e de sua busca por novidades. Ele se expressava sempre falando meio alto e muito animado. São muitas as expressões típicas que ele repetia e que ficaram gravadas na nossa memória.

“Vamos tomar um verde?”

Essa frase ele costumava usar para convidar os vizinhos para tomar um chimarrão. Certa feita convidou seu Eto (Etomar Silveira), esposo da Dona Zulmira, que mo-

rava nas terras que depois pertenceram ao Severino Perondi, quando ele voltou ao Rio Grande do Sul. O pai e Seu Eto eram muito amigos. Aconteceu o seguinte: para encurtar caminho, as pessoas costumavam pegar atalhos e, ao invés de irem pela estrada, dependendo do destino, iam pelos poteiros dos vizinhos. O Seu Eto ia passando lá no fundo do nosso pasto e se dirigia à casa do Tio Bépi. Seu Caetano, sentado na área da nossa casa, proferiu a famosa frase, bem alto, quase gritando, dirigida ao Seu Eto: “Vamos tomar um verde?”.

A verdade é que a mensagem chegou de forma um pouco confusa, e o transeunte não entendeu o que o pai queria dizer. Então foi se aproximando e ia perguntando: “O quê?”; “O que disse?” O pai repetia a fala: “Vai um verde???” Nada de se entenderem, até que o vizinho chegou bem perto da nossa casa e perguntou: “O que é mesmo que você falou?”. “Estava perguntando se gostaria de tomar um chimarrão”, falou Seu Caetano. Aí o Seu Eto retrucou: “Ah, bom, já que vim até aqui, vamos, sim, tomar um bom chimarrão”.

“Vai...”

Essa era uma forma costumeira que nosso pai sempre repetia. Quando a gente vinha de férias, perguntava:

– Então, tudo bem? A resposta já era conhecida, ele dizia: “Vai...”

Quando ele se tratava da doença, mesmo muito enfermo, a cada pessoa que lhe fizesse uma pergunta sobre seu estado de saúde, ele respondia: “Vai...”

Gueto catá el mul?

Essa expressão do dialeto italiano quer dizer: “Encontrou o burro?” Ao se traduzir a expressão, ela perde seu charme, sua característica. Era utilizada para introduzir alguém na conversa, para propor um desafio, para tirar saro de uma situação ou para chamar a atenção por um motivo qualquer. O certo é que Seu Caetano vivia proferindo essa expressão... A origem tem a ver com a lida dos primeiros anos, quando era comum o burro, por ser um animal mais arreado, esconder-se nos matagais. Assim, quem não tinha muito o que fazer, era convidado a procurar o bichinho... Nas conversas e no dia a dia a preocupação e o sentido dessa expressão é a inclusão de alguma pessoa que não está participando do que está acontecendo. De certa forma, é uma maneira carinhosa de incluir as pessoas. Por isso que na nossa família, quando alguém parecia estar com a cabeça distante, com os pensamentos desviados, Seu Caetano chamava e proferia a expressão: *Tchó, gueto catá el mul???*

Porca pipa

Termo bem italiano. O neto Alcione, filho da Zenair, fica sempre dizendo que ouvia do Nono essa expressão. Ele gostava de conversar com o Nono, mas principalmente gostava de ouvir as histórias e as façanhas do Seu Caetano. A origem dessa expressão, deve ter sido devido à proibição que os Padres impuseram aos colonos que gostavam de *bestemar* (blasfemar). Provavelmente para não proferir uns palavrões que ofendiam até Deus (no italiano se dizia uns “porcos”). Então as pessoas substituíam por “porca

pipa”, afinal essa expressão não atingia ninguém em particular. Parece que se ouve ainda hoje Seu Caetano lidando com os bois e, ao ficar meio nervoso, dizer em alto e bom som: “Porca pipa!”. O grito ressoava nas canchadas e nos peraus da Linha Esperança que até os vizinhos ouviam...

Outro “porco” que podia ser utilizado à vontade, afinal não fazia mal a ninguém era o “Porco fumo”, também muito utilizado nas redondezas.

“É melhor assistir uma pessoa fazendo as necessidades do que uma cortando lenha”

Os mais antigos, ou mais experientes, como se diz, costumavam ter seus dizeres. Uma expressão que o pai sempre repetia era: “É melhor assistir alguém fazendo as suas necessidades do que ficar olhando alguém cortar lenha...” Certa feita, em um canal de televisão, estava passando um programa chamado “A Fazenda”. Participavam jovens que não conheciam muito as lidas da roça. No entanto, eram obrigados a desempenhar as diversas atividades. Foi quando era necessário cortar ou lascar lenha. Aí um galã se meteu a bom e assumiu a tarefa. Como ele era bonitão, umas três ou quatro garotas ficaram ali por perto assistindo... Não deu outra, em seguida um pedaço de lenha atingiu uma participante que teve que ser medicada. Nesse dia nos lembramos dessa famosa frase do Seu Caetano, que faz todo sentido. Se eles tivessem escutado o conselho dele não teriam passado por aquilo.

São muitas outras expressões que nosso Pai dizia e repetia, mas o que mais se sobressaiu são essas, as quais foram destacadas.

6.12 O simbolismo do dia 19

Seu Caetano nasceu no dia 19 de dezembro de 1932. Esse dia sempre foi muito celebrado pela família e teve grande significado. O dia 19 foi um marco na vida do nosso pai. Além de ter nascido no dia 19, foi também num dia 19 que ele nos deixou e partiu para outra dimensão. O dia 19 ficou registrado como o dia que o Seu Caetano foi ordenado Ministro da Eucaristia pelas mãos de Dom José Gomes. Dia 19 também foi o dia que faleceu seu grande exemplo de vida que foi Dom José Gomes, Bispo de Chapecó (SC). Foi também no dia 19 de dezembro, que ele já acometido da doença participou da formatura do Ensino Médio do seu neto Ramon Perondi, filho do Laudir e da Ilene. Na oportunidade ele mereceu destaque especial por parte da comunidade de Romelândia.

Para entender um pouco essa mística em torno do dia 19, fomos buscar o significado dos números e percebemos algumas questões curiosas. Segundo a numerologia, faz-se necessário separar os números acima de 9, ou seja, os que são compostos de mais de um algarismo, como é o caso do número 19.

Os números devem ser analisados separadamente. Primeiro se analisa o número 1 e depois o 9. Aí se busca algumas características.

Número 1: Representa inteligência aberta, capacidade de enfrentar riscos, empenho em falar, em estudar e escrever. Demonstra força criadora e busca do empenho contínuo. Tem muita força de vontade, imaginação e flexibilidade.

Número 9: Esse número 9 está associado ao que compreende abnegação, compreensão e compaixão. Está relacionado a pessoas que têm suas aspirações atendidas e seus desejos satisfeitos. Dedicar-se ao amor universal e incondicional. Busca sempre a perfeição. Está muito relacionado ao amor universal. O número 9 representa a verdade, a eternidade e o bem. Também simboliza a união entre o homem e a mulher (9 meses de gravidez) com o objetivo de trazer uma nova vida ao mundo. Na kabala hebraica, o número 9 é número reduzido da palavra *'emet*, que significa “verdade”.

Interessante que essa questão do amor universal está muito relacionada com sua vida e com suas crenças, tanto que uma das suas expressões favoritas foi “Paz e Amor”, como registrado no “santinho” que foi produzido e distribuído por ocasião de sua passagem. Também a verdade e o bem sempre estiveram entre as virtudes pregadas pelo nosso Pai.

Na kabala hebraica, os números podem ter um valor reduzido. Assim, o número dezenove é $1 + 9 = 10$. Depois o $1 + 0 = 1$. Então, o número reduzido de 19 é 1, que significa a fé no Deus Único, a unicidade de Deus. E isso tem muito a ver com a fé e a espiritualidade que o pai sempre praticou.

Outro dado interessante é que o pai e a mãe formaram um casal que originou uma família. A soma das letras de “Caetano e Gema Perondi” é 19.

Dona Gema

Para definir a mãe, Dona Gema, vamos recorrer à imagem de um “esteio” em uma construção. O esteio é uma peça fundamental em uma construção de madeira. Muitas vezes não aparece, mas é imprescindível. É o esteio que sustenta toda a construção. É a base, a referência. É onde se apoiam as demais peças. Em nossa família ela foi e continua sendo a imagem da segurança, do afeto, da fé e da resistência. Embora fisicamente frágil, nossa mãe sempre foi muito forte e persistente. Ela gerou 11 filhos em situações precárias, sem acompanhamento médico. Todos os partos foram em casa e acompanhados por parteiras (a Tia Maria ou a Dona Rosa – que vinha de Romelândia, e da última filha, Denise, quem ajudou a fazer o parto foi a Dileta Belusso, num dia de chuva muito forte). Mas não foi só o fato de gerar os filhos, e, sim, de alimentá-los, educá-los e cuidar de cada um de um modo peculiar. Nossa mãe sempre gosta de lembrar da dificuldade que foi a viagem de Sananduva até Romelândia. Foram dois dias dormindo no caminhão da mudança, e passaram por atoleiros. Num desses atoleiros, tiveram que sair de noite para pedir socorro aos colonos do lugar, a fim de puxar o caminhão atolado com os bois.

Quem não se lembra da época da Páscoa? Como não havia condições financeiras para comprar chocolates para os filhos, nossa Mãe aprendeu com a cultura alemã dos vizinhos a pintar as cascas de ovos e preencher com amendoins adocicados, parecido com cri-cri. Todo ano, mesmo

nas maiores dificuldades, na noite de Páscoa recebíamos os ovos pintados por ela. A filha Noemi foi quem mais aprendeu essa arte e ajudava a mãe nessa tarefa.



Seu Caetano e Dona Gema na propriedade em Linha Esperança.

Uma pergunta que fazíamos a nós mesmos, na infância, era: “A que horas nossa mãe dormia?”. Sim, porque quando um dos filhos estava doente, o que era rotina naquelas condições em que fomos criados, ela estava sempre junto ao leito para cuidar e dar atenção. Nos tempos em que os filhos estudavam no ginásio e no segundo grau na cidade de Romelândia, no período da noite, no inverno chegavam em casa tarde da noite, muitas vezes após a meia-noite. Nossa mãe esquentava tijolos no fogão a lenha e embrulhava em um pano para aquecer os pés na hora de deitar. Que gesto de atenção e amor!!! Essa é uma lembrança forte que jamais esqueceremos.

A mãe era nossa aliada. Como nosso pai era severo e exigente com os filhos, era a mãe que nos protegia e atuava para amenizar certas contendas normais na família. Ela atuava como nossa advogada. Quando um dos filhos manifestava interesse e necessidade de alguma coisa, era ela que negociava com o pai para conseguir o intento.

A mãe se preocupava muito com a nossa saúde. Por isso, tinha uma “farmácia” no quintal, onde havia muitos chás: camomila, erva cidreira, boldo, *bomaistro*, chá amargo, etc. Mas havia também alguns remédios que não faltavam em casa. Quando alguém estava magro ou fraquinho a mãe fazia gemadas ou então arranjava Sadol ou Biotônico Fontoura. Melhoral era para febre e dor de cabeça. E havia o *vick vaporub* para a tosse e a pneumonia. Olina era para dor do fígado. Mas, quando a coisa ficava feia, ela fazia uma mistura de vinho, gemada, canela, chocolate... as famosas “garrafadas”.

Nossa mãe é uma pessoa de muita fé, sempre foi. Esse é o maior legado que ela nos deixa. Todos os filhos guardam imagens lindas da infância, quando a mãe nos chamava para rezar e ouvir a famosa Consagração a Nossa Senhora Aparecida, com o Padre Vítor Coelho de Almeida, pela Rádio Aparecida. Quando o tempo ameaçava com os famosos temporais, muito frequentes, aliás, a mãe nos chamava para rezar, não sem antes queimar uns ramos de oliva, que eram benzidos todo ano no Domingo de Ramos. Sempre que surgia uma dificuldade, ela fazia as “promessas” dela, e tudo se ajeitava. Ainda hoje é assim. Uma imagem sempre associada a Dona Gema é ela com o Terço na mão. Quantos Rosários ela deve ter rezado...

E havia aqueles momentos difíceis, quando se perdia alguma coisa e não se sabia mais onde foi parar. Bom, aí tinha a oração de Santo Antônio, que era infalível. Mas valia também para doenças estranhas ou diante dos temporais e perigos da natureza. Nós sabíamos de cor esta oração.

Oração a Santo Antônio

Se milagres desejais
contra os males e o demônio,
recorrei a Santo Antônio,
que não falhareis jamais.
Pela sua intercessão,
foge a peste, o erro e a morte.
Quem é fraco fica forte,
quem é enfermo fica são.
Não resiste à prisão,
recupera-se o perdido,
cede o mar embravecido
no maior dos furacões.
Penas mil e humanos ais,
se moderam, se retiram;
isto digam os que viram,
os paduanos e outros mais.

Esta última parte nós rezávamos, mas não entendíamos bem, pois pronunciávamos assim “Penas mil e manuais”. E ninguém sabia o que eram os paduanos (mora-dores de Pádua, na Itália).

Outra oração que era famosa era quando morria alguém ou então quando nós rezávamos pelos parentes e

amigos falecidos. O problema era que a oração era em latim. E aí é que morava o problema! Entre a nossa pronúncia e o original, a diferença era de alguns quilômetros. A gente rezava mais ou menos assim:

*Requiemeterne Dominus Dominus
Luz perpétua Luciatéi
Requiescante Pache e Amem.*

E vejam abaixo como era o original em latim e a sua tradução para o português. O que será que Deus lá em cima pensava quando ouvia a nossa oração? Pelo menos deveria entender a nossa devoção e o respeito com que a gente rezava.

Requiem (latim)

*Requiem aeternam dona eis, Domine,
Et lux perpetua luceat eis,
Requiescant in pace. Amen.*

Tradução para o português

Repouso eterno dá-lhes, Senhor,
E a luz perpétua os ilumine,
Descansem em paz. Amém!

E havia ainda a primeira oração que aprendíamos, que era o Santo Anjo do Senhor. Esta era a oração para rezar sempre antes de ir dormir. Os filhos devem se lembrar que a Denise, a mais nova dos filhos, aprendeu a rezar o Santo Anjo ainda bem pequena e ficava o tempo

todo rezando. Quando vinha visita em casa lá ia ela mostrar sua habilidade. Essa oração também era rezada sempre que alguém partia para uma viagem ou ia para algum lugar.

Santo Anjo do Senhor,
meu zeloso e guardador.
Se a ti eu me confio,
a piedade divina,
sempre me guarde,
me governe,
me ilumine.
Amém!

A coragem, a força e a fé que nossa mãe demonstrou foi por ocasião da doença e da passagem do nosso pai. Foram meses de muito sofrimento e dedicação. A maneira serena e consciente como ela enfrentou a perda do seu companheiro de toda a vida foi mais uma lição que os filhos vão levar como ensinamento para suas vidas.

Uma coisa que todos nós admiramos é a capacidade que a nossa mãe tem de passar pelas situações, superar as dificuldades e, sobretudo, dar apoio aos filhos nas horas das dificuldades. Se ela sabe que alguém vai vir visitá-la, bem antes começa a se preparar; se alguém vai viajar, seja lá para onde for, ela já se preocupa, fica acompanhando e reza para que tudo dê certo. E espera ansiosa pelo telefonema dos filhos. E no final de cada ligação, deixa sempre sua marca registrada: “Obrigado, porque tu ligou, viu!”.

Despedida

Cerca de um ano antes da sua passagem, Seu Caetano começou a sentir dores no estômago. Já os primeiros exames demonstraram a presença do câncer maligno. Foi feita a cirurgia, e o pai achava que estaria livre do danado. Depois das sofridas seções de quimioterapia e radioterapia, que levou na esportiva – bem do seu jeito, chegou a se revitalizar e ganhar fôlego na vida novamente. Durou pouco. As dores voltaram, e os novos exames já constatavam metástase. Já não havia mais o que fazer.

É preciso registrar a doação e o carinho demonstrados pelo nosso irmão Valci neste acompanhamento do pai, tanto em casa, como quando era preciso levar aos médicos e hospitais. Sempre disponível, seja de dia ou de noite, o Valci esteve ao lado do pai. Por ser o filho (homem) mais novo, casado com a Iriete, ficou morando lá na Esperança, ao lado da casa do pai e da mãe. E também as duas filhas, Cristiane e Fabiane, as netas queridas do pai, estiveram ao seu lado e cuidaram muito dele.

Ao conversar com a mãe sobre os últimos dias de vida do nosso pai, ela nos entregou uma mensagem que Seu Caetano estava escrevendo para deixar para a posteridade e que foi interrompida por ocasião do agravamento da doença. Na mensagem ele conta um pouco da sua trajetória e descreve o início da comunidade de Linha Esperança, sua atuação como Ministro da Eucaristia e sua luta para a criação do Clube dos Idosos e posteriormente o Conselho Municipal dos Idosos, que foi sua grande obsessão.

7 7 07

HISTÓRICO

DE CAETANO PERONDI

CAETANO PERONDI
NACEU NO DIA 19 de
DEZEMBRO, DE 1932. EM CRE-
BA FANTOÇO ERECHIM, HOJE
GETULHO VARGAS - RS.

Filho de Pedro Perondi
Jezza Tonial Perondi
Tem cinco irmãos homens
e uma irmã mulher.
Criado em da. Juahirsia
Sarandubá, RS. Viveu lá
22 anos. Casado com Gemma
Carbonera no dia 15 de
maio de 1954. No dia 27 de
maio de 1955. partiu de Via-
gem para Remelândia, Stee
Catarina chegando no dia
29-05-55. Morando em
Remelândia 7 meses. Depois
Residiu em da Esperança Cete-
...? Criou 11 filhos sendo 7

Cópia da primeira página da mensagem que
Seu Caetano nos deixou.

Dentre as diversas questões que ele destacou, transcrevemos o último parágrafo que, aliás, ficou incompleto:

Durante a minha gestão religiosa (como Ministro da Eucaristia) eu visitava os doentes, levava a Comunhão, fazia enterros, fui benzer as casas dos sócios da comunidade sem ser pago ou só para fazer o bem a todos. Às vezes eu recebia um muito obrigado e outras nem isso, mas eu sabia que para Deus eu recebia a recompensa. Eu trabalhava de graça para o bem da Comunidade porque eu queria que a Comunidade fosse para frente e tinha gente que dizia que a Esperança é a melhor comunidade de Romelândia, graças à força da minha liderança e com a força e graça de Deus...

Pronto, a doença se agravou, e ele não pôde escrever mais. No dia 19 de setembro de 2010 faleceu em sua casa, na Linha Esperança.

No entanto, um dia antes da sua passagem, ele ditou ao Ildo e ao Valci qual seria a sua última mensagem:

Eu, Caetano Perondi, venho através do presente, agradecer em primeiro lugar à família, a toda a comunidade e a todos os que me visitaram durante a minha enfermidade, sem distinção de nomes, também aos religiosos que me deram suas forças espirituais para suportar este momento, a todos os Grupos do Conselho Municipal dos Idosos e ao Grupo de Idosos da Comunidade e todos os seus membros, enfim, a todos que me ajudaram com palavras e orações e me animaram e que se lembraram de mim, que DEUS lhes pague. Peço que todos tenham forças para continuarem suas caminhadas e se for para junto de Deus, um Deus lhes pague! Também peço desculpas e perdão pelas

coisas que fiz de errado e se ofendi alguém. ‘Tudo o que desejarem a mim, eu desejo uma rosa do meu jardim’. Desejo a todos: Paz e Amor.

Esta mensagem expressa muito da vida do Seu Caetano. Nos últimos dias de vida recebeu a visita de muitas pessoas, inclusive de alguns que se tornaram seus inimigos, devido às suas lutas políticas e sociais. Mas soube perdoar e reconhecer seus erros. Partiu sem deixar e sem levar mágoas de ninguém. E deixando o seu lema: “Paz e Amor”.

Considerações

Bom, tentamos aqui resgatar algumas lembranças e ensinamentos que nosso pai nos deixou. Existem muitas e muitas outras passagens que inclusive foram lembradas pelos filhos e pela mãe, mas, devido ao limite de espaço tivemos que resumir. Nossas vidas mantêm profunda ligação emocional e espiritual como Seu Caetano. Sempre que nos reunimos, que os irmãos se visitam ou que visitam a mãe, a vida e a memória do nosso pai sempre entrelaçam as conversas, e acabamos nos lembrando de ensinamentos e passagens que estão enraizadas em nós. Por isso entendemos que, ao escrevermos sobre os 25 anos de caminhada até a Gruta Nossa Senhora de Lourdes, era imprescindível incluir Seu Caetano nessa história.

“Povo meu, escuta minha lei,
dá ouvido às palavras de minha boca;
abrirei minha boca numa parábola,
exporei enigmas do passado.
O que nós ouvimos e conhecemos,
o que nos contaram nossos pais,
não os esconderemos a seus filhos;
nós o contaremos à geração seguinte:
os louvores do Senhor e seu poder,
e as maravilhas que realizou;
ele firmou um testemunho em Jacó
e colocou um lei em Israel,
ordenando a nossos pais
que os transmitissem aos seus filhos
para que ponham em Deus sua confiança,
não se esqueçam dos feitos de Deus
e observem seus mandamentos.”

(Salmo 78,1-7)

7

Genealogia da Família Caetano e Gema Perondi

Nossos nomes e seus significados

“Mas agora, diz o Senhor, aquele que te criou,
ó Jacó, aquele que te modelou, ó Israel: Não temas,
porque eu te resgatei, chamei-te pelo nome: tu és meu!”

(Isaiás 43,1)

Nosso Deus nos conhece e nos chama pelo nosso nome. Por isso, o nosso nome é importante, porque diz e afirma a nossa identidade, isto é, o nome revela quem somos. É também o nome que nos define e nos distingue também das demais pessoas.

Todos nós temos um nome e um sobrenome. O sobrenome nos une à raiz dos nossos genitores, à nossa genealogia, indica de onde procedemos. O nome, ao contrário, é o que nos distingue daqueles que têm o mesmo sobrenome.

O nome deveria ser a nossa identidade, revelar o nosso jeito, quem somos e por que somos assim. O nosso nome tem uma história. Não foi por acaso que recebemos este nome. Por um motivo simples, por um gosto, por causa de uma situação quando nascemos... Houve um fator, uma

razão para que cada um de nós tivesse este nome, e não outro. Mas na maioria das vezes não conhecemos bem a história do nosso nome.

É isto que tentamos fazer neste texto: recuperar o significado e o motivo por que nós, da família Perondi, somos chamados por este nome. Nem sempre é possível recuperar todo o processo, descobrir todos os detalhes que envolveram esta nossa história. Mas este é apenas o primeiro passo. Quem sabe quantos outros detalhes ainda vão surgir? Porém, se conseguirmos fazer com que nós passemos a gostar mais do nosso nome e valorizá-lo, já teremos cumprido a nossa missão. E talvez vamos revelar alguns detalhes que nem mesmo os portadores do nome sabiam.

É certo que nem sempre os nomes “pegaram”. Nestes casos surgiram os apelidos, que se impuseram no início e depois foram perdendo espaço, voltando a dar lugar ao nome.

Uma olhada geral nos mostra que costumamos ter nomes raros. O pai e a mãe, que tinham nomes de santos e nomes tipicamente comuns à origem italiana, preferiram não dar aos filhos nomes de santos nem nomes italianos. É certo que esta prática teve também as suas consequências. Alguns, na hora do batismo, tiveram que incorporar um segundo nome de santo. Os padres não gostavam muito que se dessem nomes profanos aos filhos. Mas também podem ter recebido o segundo nome por influência da mãe. Quem registrava no cartório era o pai; por ocasião do batismo, a mãe também estava presente.

Fazer história é viver. Povo que não tem história perde a memória, perde o sentido da vida.

7.1 Genitores

Caetano: A origem do nome vem do latim *Gaetanum*, e se refere a quem é natural de Gaeta (uma região perto da Itália). Com certeza, o nome foi dado para homenagear Gaetano Perondi, um dos cinco irmãos que vieram da Itália para o Brasil em 1878². Seu Caetano, com 74 anos de idade, faleceu devido a um câncer no intestino, no dia 19 de setembro de 2010, em sua casa na comunidade da Linha Esperança, rodeado pela família e por amigos.

Gema: Tem origem no latim e significa “pedra preciosa”. Em italiano é escrito com dois “m”: Gemma. O nome deve ter sido dado porque era um nome comum nas famílias italianas. E também pode ter tido a influência de Santa Gemma, cujo processo de canonização estava sendo preparado naquela época.

7.2 Filhos e Filhas

7.2.1 Zenair: Não encontramos o nome grafado assim nas listas de nomes, mas o mesmo pode ser de diversas origens: a) derivado de Zenóbio: “*vida dada por Deus*”;

² Para conhecer o histórico da Família Perondi, suas origens na Itália e a vinda ao Brasil e suas ramificações, ver o livro: PERONDI, Dario, Domingos e Neuza. **Família Perondi**. 120 anos no Brasil. 1º de março de 1878 – 1º de março de 1998. Porto Alegre: Nova Prova Gráfica e Editora / Maneco Livraria & Editora, 1998.

b) de Zenaide: “*descendente de Deus*”; c) de Zen, deus grego com o mesmo significado de Júpiter. Mas o nome também pode ser uma mistura do dialeto vêneto e o nome Nair. *Zê-Nair* (= é Nair). Encontramos Nair também na língua árabe e significa “estrela brilhante”.

Zenair recebeu este nome porque no Jornal *Correio Riograndense* havia a notícia do nascimento de um casal de gêmeas e uma delas se chamava Zenair.

Casou-se com o Pedro Sordi e tem quatro filhos.

7.2.2 Ildo: A origem do nome deve ser alemã. Hildebrando (“grande senhor”) ou Hildegard (“que cuida dos combatentes”). Hilda significa: “guerreira, lutadora”... Hilda também pode ser um derivado do nome hebraico Hulda, a profetisa de 2Rs 22,14 e 2Cr 34,22. No entanto, *Ildo*, no italiano e português, perde o “H” e quer dizer “homem preparado para a luta”; ou “o lutador”. Outra hipótese italiana menos provável seria “aquele ali embaixo”. Poderia também ser derivado de Aldo “velho e sábio” (teutônico).

No batismo teve acrescentado um segundo nome: Ildo *José*. Ildo, porém, recebeu este nome por causa do governador Ildo Meneghetti, do Rio Grande do Sul, um político que o pai admirava muito.

É Frei Franciscano Capuchinho, professor de Teologia Bíblica na PUCPR.

7.2.3 Vanir: Significado incerto, poderia ser derivado de *wan*: caminhante; ou de *vannie*: sensível. Recebeu este nome porque havia um padre que se chamava

Vanir; outra possibilidade seria porque em São Miguel do Oeste havia um advogado que se chamava Dr. Vanir Botaro Daniel.

No batismo recebeu o nome de Vanir Maria. Casou-se com Doralice Belusso e tem três filhos homens.

7.2.4 Olavo: O nome (*oleifr*) vem da antiga região nórdica e significa “o sobrevivente ancestral”. Mas há outra possibilidade mais bonita: “aquele que descende dos deuses”. Olavo deve ter recebido o nome porque o pai era professor e gostava do escritor brasileiro Olavo Bilac.

No batismo teve um segundo nome: Olavo José. Casou-se com Maristela Pagnussatt, mais conhecida por Maris.

7.2.5 Antoninho: É o diminutivo do nome *Antonius* (latim) Antônio e significa: “inestimável, que não tem preço, de grande valor”. Recebeu o nome porque nasceu no dia de Santo Antônio (13 de junho), ainda que tenha sido registrado como nascido em 29 de junho. É o único dos filhos que recebeu nome de santo. O nome não pegou muito, e foi sempre mais conhecido e chamado por “Tonho” ou “Toninho”.

Casou-se com a Silvaneide Leite da Silva e tem uma filha.

7.2.6 Nilva: Significado um tanto desconhecido. Provavelmente seja “gloriosa”, de origem inglesa. Outra sugestão: “aquela que nasceu no rio”. Talvez seja uma variante de Nilza que significa “filha do campeão”, ou “filha da nuvem”. A origem do nome Nilza é anglo-saxônica.

Deve ter recebido o nome porque havia outras pessoas com este nome na família.

Faleceu de pneumonia e difteria aos dois anos e meio de idade.

7.2.7 Laudir: O significado é incerto, é possível que signifique “o domador”. Recebeu este nome porque o pai ouviu esse nome no rádio e gostou muito. Desde pequeno ficou mais conhecido e foi quase sempre chamado por “Láudi”.

No batismo teve acrescentado um nome de santo, “Luiz”.

Casou-se com a Ilene Zanatta e tem um casal de filhos.

7.2.8 Zilmar: Significado desconhecido. Pode ser derivação de Gilmar (origem germânica), que significa “espada brilhante”.

Recebeu este nome porque o pai era torcedor do time do Santos, e naquele tempo o goleiro era o Gilmar. No cartório mudou um pouco a grafia. Uma vez ele ficou doente e foi levado ao Hospital em Maravilha. Na hora de preencher a ficha, o médico perguntou o nome e o pai disse: “Zilmar, o goleiro do Santos”. O médico escreveu: “Gilmar dos Santos”.

Ainda que o nome seja raro, ele tem um homônimo, um Zilmar Perondi, nascido no RS e filho do Severino Perondi. Para distinguir-se, o nosso muitas vezes coloca na frente aquilo que faz na vida: Prof. Zilmar Peron-

di. Desde pequeno recebeu o apelido de “Nini”, que é um apelido comum entre os descendentes italianos.

Casou-se com a Rosa Pascualli e tem um filho.

7.2.9 Noemi: Vem de *Naomi* e quer dizer: “*Minha doçura; agradável...*” É de origem hebraica, e o nome está no Livro de Ruth na Bíblia.

Recebeu este nome porque o Anselmo Eidelwein (nosso vizinho) tinha uma menina com este nome, e ela era muito bonita. O nome não pegou muito, e desde pequena recebeu o apelido de “Nica”.

Quando foi batizada teve adicionado o nome de Inês.

Casou-se com o Vilmar Becchi e tiveram dois filhos.

7.2.10 Valci: Não se tem a origem e o significado deste nome. É possível que seja uma variante de Valcir, que significa: “forasteiro aquele que vem de fora do país”.

Recebeu este nome porque quando nasceu tinha vindo um comerciante em Romelândia que se chamava Dalci Cassol. Na hora de registrar o Dalci passou a ser Valci. Ganhou um apelido estranho e que não se sabe bem a origem: “Tshitshi” pelo qual é conhecido. Ultimamente volta a ser chamado de novo pelo nome.

Casou-se com a Iriete Pauletti e tem duas filhas.

7.2.11 Denise: Vem do francês, e significa “Deusa do vinho”, ou, mais provável “Adepta de Dionísio, o Deus grego do vinho”.

Recebeu o nome porque em 1970 o Brasil se tornou tri-campeão mundial de futebol. Dentre os jogadores esta-

va o Everaldo, do Grêmio. A Zenair era a única da família que torcia para o Grêmio. Em 1971, Everaldo teve uma filha, a quem deu o nome de Denise, e, por influência da Zenair, a menina que nasceu em abril de 1971 recebeu o nome de Denise. Porém, o nome não pegou muito. E como havia uma canção muito em moda que se chamava *Baby*, foi o apelido que pegou. Depois que cresceu *Beibi* passou para *Bia*, e só mais ultimamente que Denise volta a ter força. Por ironia do destino, não torce pelo Grêmio e, sim, pelo rival Internacional.

Casou-se em com o Airton Kist e tem um filho.

7.3 Netos e Netas

7.3.1. Da Zenair e do Pedro:

7.3.1.1 Alcione: Este nome pode ser tanto masculino como feminino e vem do grego: “maçarico”, *ave marinha*. É o nome de uma estrela da constelação de Plêiades. Alcione significa também: “filho de Éolo, deus dos ventos”.

Recebeu o nome porque a Zenair torcia para o Grêmio, e nesta época havia um jogador que tinha este nome e jogava pelo tricolor gaúcho. Porém, o que pegou mesmo foi o apelido *Nego*. Hoje é mais um fanático torcedor do Internacional.

Casou-se com a Ivonete e tem um casal de filhos.

7.3.1.2. Francione: É um derivado de Francisco, “o francês”.

Recebeu este nome porque a Zenair queria dar outro nome e não deu certo. Ela gostava de Francis, Francisco e

para rimar com o outro filho, o Alcione, acabou ficando Francione. Mas também com ele o apelido *Kuki* pegou mais que o nome.

Casou-se com a Michele Michels e tem uma filha.

7.3.1.3. Gessiane: Significado desconhecido.

Recebeu o nome porque a mãe queria que se chamasse Vanessa, mas, por divergências familiares, não recebeu esse nome. Gessiane é resultado da junção de Gessi e Ane.

Desde pequena recebeu o apelido de *Nega*.

Casou-se com Adriano Pedro da Silva e tem uma filha.

7.3.1.4. Débora: Quer dizer “abelha”. É nome hebraico (*Deborah*), está no livro dos Juízes na Bíblia (Jz 4,4ss). Débora foi uma juíza e profetisa em Israel.

Recebeu o nome porque a mãe estava em dúvida entre vários nomes (Letícia, Monique e Débora). Escreveu os nomes em papéis e fez um sorteio. Deu Débora.

Casou-se com Sandro Girardi.

7.3.2. Do Vanir e da Doralice:

7.3.2.1. Paulo Roberto: O nome Paulo tem origem hebraica em Saul, primeiro rei de Israel e que era da tribo de Benjamin. Saulo tinha este nome e, depois da sua conversão, assumiu o nome de Paulo. Paulus em latim significa “o pequeno; de baixa estatura”. De fato, o Apóstolo Paulo era baixinho. Roberto por sua vez é de origem anglo-saxônica e significa “brilhante na glória”.

Recebeu este nome porque o Vanir era ferrenho torcedor do Internacional, e, quando o menino nasceu, um dos maiores jogadores do Colorado, e de todo o mundo, se chamava “Paulo Roberto” Falcão.

Casou-se com a Anita Stival dos Santos.

7.3.2.2. Marcos: Vem de *Markus* (latim) e significa “o protegido de Marte, Deus da guerra”. Também é nome bíblico. É o autor do segundo Evangelho.

Recebeu o nome por influência de um ator e porque a família achou o nome bonito.

Casou-se com Indianara Guaresi.

7.3.2.3. Marcelos: De origem latina *Marcellus*, que foi um dos imperadores romanos do I século. É nome de personalidades romanas famosas. Em Roma existe ainda hoje o Teatro Marcelo, construído há dois mil anos.

Recebeu o nome por uma opção da família que gostava desse nome

Houve erro na grafia no cartório, e acabou ficando com o “s” no final.

Casou-se com Jéssica Birkheuer

7.3.3. Do Antoninho e da Silvaneide:

7.3.3.1. Daniele: É o nome feminino de Daniel: “Deus é meu juiz, meu guia”, e tem origem hebraica. Temos na Bíblia o Livro do Profeta Daniel.

Recebeu o nome porque os pais gostavam desse nome.

7.3.4. Do Laudir e da Ilene:

7.3.4.1. Carla: Nome derivado de Carlos, que significa “fazendeiro, viril”. Assim, Carla pode ser: “a fazendeira; a forte; aquela que tem força...”

A Ilene já tinha ela quando se casaram. Recebeu este nome porque a mãe gostava muito desse nome. Casou com Thiago Dal Santo.

7.3.4.2. Ramon: É uma variante de Raimundo. A origem é gótica (*Raginbmund*): protetor ou o sábio poderoso.

O nome dele era para ser Rafael. Dias antes dele nascer, a amiga Filomena deu um livro com nomes, e, quando viram o nome Ramon, gostaram e resolveram mudar.

7.3.5. Do Zilmar e da Rosa:

7.3.5.1. Lenoir

A Rosa já o tinha quando se casaram, mas acabou sendo adotado e recebendo o sobrenome Perondi. Recebeu este nome porque tinha um locutor de rádio com esse nome. Ele era ouvido na família Pasqualli. A Rosa gostou do nome e colocou Lenoir no filho.

7.3.6. Da Noemi e do Vilmar:

7.3.6.1. Gustavo: Este nome significa: “o cajado de Deus”.

Recebeu o nome porque os pais acharam o nome bonito e combinava com ele.

7.3.6.2. Ezequiel: De origem hebraica, foi um dos grandes profetas de Israel e que acompanhou o povo de

Deus durante o exílio na Babilônia. Temos na Bíblia o Livro de Ezequiel. O nome quer dizer “força de Deus” ou “que Deus (*El*) fortaleça”.

Recebeu o nome porque os pais gostavam desse nome que é bíblico.

7.3.7. Do Valci e da Iriete:

7.3.7.1. Cristiane: É a forma feminina de Cristiano, derivado de Cristo. Cristiane então significa “aquela que é de Cristo”. A origem do nome é hebraica. *Mashiach* é o Ungido, o Messias esperado e prometido no Antigo Testamento. Quando passou para o grego, tornou-se *Christós* (Cristo), do verbo grego *chrio*, que significa ungir.

Recebeu o nome porque tinha uma atriz que se chamava Cristiane Torloni, que participava de uma novela na época em que ela nasceu.

7.3.7.2. Fabiane: Vem de Fábria que quer dizer “fava”. É também a forma feminina de Fabiano ou Fábio, que surgiu do latim *Fabius*, a partir da palavra *faba*, que quer dizer literalmente “fava” ou “a fava que cresce”. Para os romanos, a fava simbolizava a prosperidade e era muito utilizada para atrair sorte. Por esta razão, este nome ainda recebe o sentido de “aquele ou aquela que tem sorte”.

Recebeu o nome porque rimava com Cristiane, e é mais conhecida como *Fabi*.

7.3.8. Da Denise e do Airton:

7.3.8.1. Lucas: É o nome bíblico do terceiro evangelista, escreveu também os Atos dos Apóstolos. Lucas era médico (Cl 4,14) e companheiro do Apóstolo Paulo (2Tm 4,11; Fl 1,24). Seu nome significa “aquele que traz a luz; portador de luz” ou ainda “aquele de Lucânia, terra da luz”.

Recebeu este nome porque tinha uma música “Pais e Filhos” da banda Legião Urbana, cuja letra dizia: “Meu filho vai ter um nome bonito, vai ter nome de santo”, então foi escolhido o nome bíblico. Como nasceu menino, o nome foi escolhido pela mãe, se fosse menina seria escolhido pelo pai.

7.4 Bisnetos e Bisnetas

7.4.1. Do Alcione (filho da Zenair e do Pedro):

7.4.1.1. Alex: Recebeu este nome porque o Alcione é torcedor fanático do Internacional, e o nome foi em homenagem ao jogador Alex.

7.4.1.2. Alessandra: Recebeu este nome por causa do irmão, assim combinava Alex e Alessandra.

7.4.2. Da Gessiane (filha da Zenair e do Pedro):

7.4.2.1. Camila: Significa mensageira e se associa a uma jovem e linda criada que servia os participantes das cerimônias religiosas gregas. Indica uma pessoa que é com-

petente porque executa suas tarefas com amor. Com grande senso de observação e justiça, sempre sabe ver os dois lados da situação.

Recebeu este nome porque era um nome que estava em evidência devido a uma personagem de novela da época.

7.4.3. Do Francione (filho do Zenair do Pedro):

7.4.3.1. Júlia. Significa cheia de juventude, descendente de Júlio, ou nascida em julho. Variante italiana de Giuliana, o mesmo que Juliana. Indica uma pessoa de ótima memória, organizada e dinâmica. Pode ser considerada uma boa amiga e dedicada às pessoas próximas. É a variante feminina de Júlio, nome originado no latim *Julius*, que deriva do grego *Ioulos*, que quer dizer “barba”, “felpudo”, “fofo” ou “macio”, em referência aos pelos faciais dos jovens masculinos, significando por extensão “jovem” ou “pessoa jovial”.

Recebeu este nome porque estava em evidência na época e todos acharam bonito.

Vocabulário Romelandês

Algumas expressões que aparecem neste livro eram ou ainda são usadas no dia a dia, embora não sejam exclusivas de Romelândia, mas este pequeno vocabulário ajuda a resgatar algumas expressões que fizeram história.

- *a balocchi*: expressão do dialeto italiano, significa chover muito, aos montes.
- *boca aberta*: chamava-se assim alguém que falava demais, que falava besteiras. E chamar alguém de “boca aberta” é desmerecer o que ele falou, era um bom motivo para uma briga.
- *bodega*: pequeno comércio, tipo armazém. Também conhecido por bolicho.
- *cala boca!*: É uma resposta no imperativo, quando alguém diz alguma coisa que não se gosta. Dizer: “cala a boca” é encerrar a conversa de uma vez por todas.
- *canhadas e peraus e coxilhas*: Em Romelândia existem muitos montes. Uma cadeia de montes é uma canhada ou coxilhas. Perau é sinônimo de montanha.
- *dar uma cambota*: dar um pulo, dar uma cambalhota.

- *estrepo*: farpa ou pedaço de lenha em ponta que, pisando nele, causava ferida grave.
- *furdunço*: bagunça, barulho, algazarra.
- *guaipeca*: cachorro vira-lata, que não tem raça.
- *inticar*: provocar uma briga ou provocar um cachorro
- *macega*: moita, arbusto...
- *matungo, pangaré ou petiço*: como se definia um cavalo sem raça, comum.
- *matungo*: cavalo meio xucro, que não é de raça.
- *pechada*: batida ou acidente de carro
- *picada*: trilha no meio do mato
- *sanga*: pequeno rio, riozinho...
- *tongo*: sujeito meio bobo. Chamar alguém de “tongo” poderia ser motivo para briga.

Amigos

Vinicius de Moraes

Um dia a maioria de nós irá se separar. Sentiremos saudades de todas as conversas jogadas fora, as descobertas que fizemos, dos sonhos que tivemos, dos tantos risos e momentos que compartilhamos...

Saudades até dos momentos de lágrima, da angústia, das vésperas de finais de semana, de finais de ano, enfim... do companheirismo vivido... Sempre pensei que as amizades continuassem para sempre...

Hoje não tenho mais tanta certeza disso. Em breve cada um vai pra seu lado, seja pelo destino, ou por algum desentendimento, segue a sua vida, talvez continuemos a nos encontrar, quem sabe... nos e-mails trocados...

Podemos nos telefonar... conversar algumas bobagens. Aí os dias vão passar... meses... anos... até este contato tornar-se cada vez mais raro. Vamos nos perder no tempo...

Um dia nossos filhos verão aquelas fotografias e perguntarão: Quem são aquelas pessoas? Diremos que eram nossos amigos. E... isso vai doer tanto!!! Foram meus amigos, foi com eles que vivi os melhores anos de minha vida!

A saudade vai apertar bem dentro do peito. Vai dar uma vontade de ligar, ouvir aquelas vozes nova-

mente... Quando o nosso grupo estiver incompleto... nos reuniremos para um último adeus de um amigo. E entre lágrima nos abraçaremos...

Faremos promessas de nos encontrar mais vezes daquele dia em diante. Por fim, cada um vai para o seu lado para continuar a viver a sua vidinha isolada do passado... E nos perderemos no tempo...

Por isso, fica aqui um pedido deste humilde amigo: não deixes que a vida passe em branco, e que pequenas adversidades sejam a causa de grandes tempestades...

Eu poderia suportar, embora não sem dor, que tivessem morrido todos os meus amores... mas enlouqueceria se morressem todos os meus amigos!!!

Uma palavra final

Na lembrança (“santinho”) que confeccionamos para recordar a morte do Seu Caetano foi citada uma frase de São Paulo no final da sua vida: “Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a minha fé” (2 Timóteo 4,6). Esta frase resume bem a trajetória de uma pessoa que procura caminhar com Deus e sente que chegou a hora de partir para a casa do Pai.

Mas a frase do Apóstolo Paulo também nos ensina que a vida é um combate constante. Nós caminhamos sempre, mesmo que muitas vezes seja no meio de dificuldades, enfrentando desafios e adversidades, em que levamos alguns tombos, mas conseguimos nos erguer e então vamos prosseguindo em frente “avançando para o que está adiante” (Fl 3,13).

Uma caminhada, por mais longa que seja, começa inevitavelmente com o primeiro passo, mas só se conclui com a chegada ao objetivo. Nós acreditamos que conseguimos realizar esse projeto. Resgatamos a memória de 25 anos de uma caminhada iniciada pelo nosso irmão Vanir. A ela muitos foram se juntando, virou uma tradição. E no livro nós procuramos resgatar também um pouco da história do nosso pai Caetano e da mãe Gema. Resgatar a história é fazer memória, não deixar que o tempo e o esqueci-

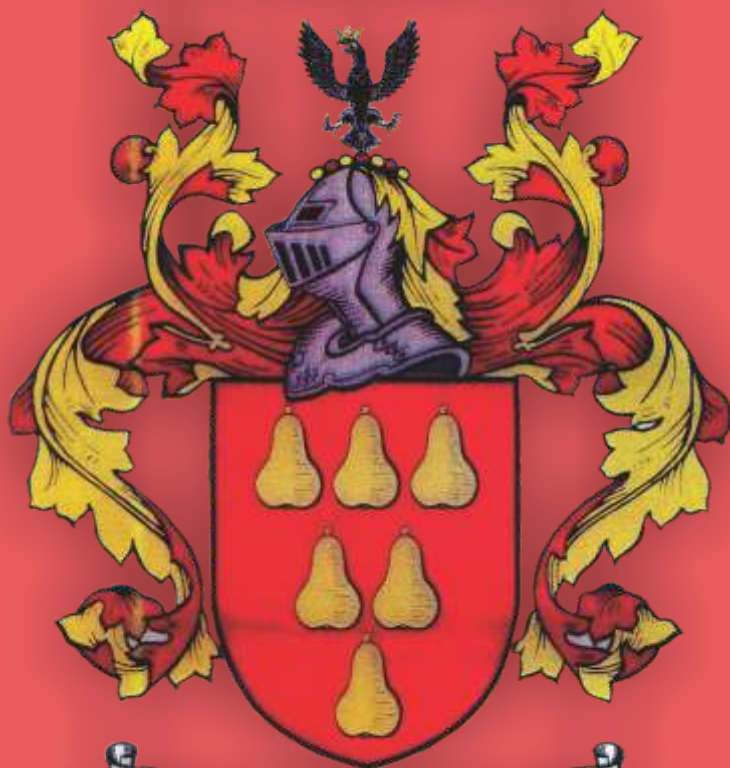
mento apaguem as marcas deixadas por aqueles que nos antecederam na caminhada da vida.

Queremos deixar o nosso agradecimento a todos aqueles que colaboraram para a realização deste projeto. Quem caminhou nestes anos todos; quem ajudou a escrever ou colaborou nas correções, e ao Ricardo Ribas por ter cedido gentilmente a foto da Gruta.

Recordamos aqui um belo canto ecumênico que possui uma frase que diz: “Se caminhar é preciso, caminharemos unidos, e nossos pés, nossos braços, sustentarão nossos passos”. Juntos fizemos as caminhadas até a Gruta. Juntos também realizamos este livro. E será juntos que também continuaremos a caminhada nas estradas da vida.

Na vida também sabemos que o nosso viver tem sentido quando caminhamos com Deus, como bem afirma o salmista: “Se o Senhor não constrói a casa, em vão trabalham os construtores” (Sl 127,1). A vida e uma caminhada precisam ser bem planejadas e bem construídas. Só assim alcançarão os resultados previstos, como Jesus ensinou: “Um homem, ao construir uma casa, cavou, aprofundou e lançou alicerces sobre a rocha. Veio a enchente, a torrente deu contra aquela casa, mas não a pôde abalar, porque estava bem construída” (Lc 6,48).

Perondi



Italia

OKOS
EDITORA

ISBN 978-85-7843-579-0



9 788578 435790